

Esta obra faz parte do acervo do Instituto de Estudo da Filosofia de Fatima – Casa de Fátima IEFF, cedido gentilmente pelo médium e fundador da casa Fernando Ben, de forma gratuita.

Este livro não pode ser vendido de nenhuma forma e nem publicado em outro local sem autorização, sob LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.

O céu de Beatriz

Romance mediúnico

FERNANDO BEN

Ditado por *Fátima*

EDITORA HIBISCO



O céu de Beatriz

É um romance mediúnico, ditado pelo espírito de Fátima para o médium Fernando Ben.

Neste livro, Fátima conta a história real da menina Beatriz que vivia em uma favela no Rio de Janeiro e tinha, antes de desencarnar, oito anos de idade. Ela foi estuprada pelo pai, a mãe era viciada em drogas e os irmãos envolvidos com o tráfico.

O meio parecia influenciar o destino daquela criança, mas percebemos na leitura deste livro uma reviravolta surpreendente, nos levando a pensar sobre vários questionamentos:

- Somos produto do destino ou de nossas escolhas?
- Existem cidades espirituais?
- O espírito que aparece com forma de criança fica criança para sempre?
- Como estes espíritos ajudam nas tarefas espirituais na Terra e no mundo espiritual?
- As crianças que dizem ver amigos imaginários, são imaginários mesmo?

Entre tantas outras perguntas...

O céu de Beatriz é uma grande janela de observação sobre o futuro dos espíritos bons que viveram na terra e desencarnaram ainda crianças.

E sua leitura gostosa, fará você ler sem querer parar...

Apoio cultural _____



EDITORA HIBISCO 
www.editorahibisco.com.br



O céu de Beatriz

Editora Hibisco | 2015

Fernando Ben



CATALOGAÇÃO PREPARADA NA PRÓPRIA EDITORA

Silva, Fernando Ben Oliveira

O céu de Beatriz: Fernando Ben Oliveira da Silva

Rio de Janeiro, RJ: Editora Hibisco, 2015, 264 páginas; 14 x 21 cm

ISBN 978-85-69054-02-3 - @by Editora Hibisco,
Direitos de cópia reservados

Julho de 2015, Impresso no Brasil | Printed in Brazil

Revisão Geral: **Patrícia Daniels**

Fotos: **Cintia Valezin**

Desenhos da folha de rosto, capítulos e capa:

Thais Isabelle

Computação gráfica, miolo e edição: **Fernando Ben**

EDITORA HIBISCO

CX. Postal 49017 – CEP 23026-970 – Rio de Janeiro - RJ

Site: www.editorahibisco.com.br

Email: vendas@editorahibisco.com.br

“Mesmo a mente mais brilhante da Terra avaliando com a lógica humana os assuntos espirituais, apenas vislumbrará a ponta de um gigantesco iceberg.”

Fátima

“Deus é muito bom e generoso. Se você pedir com fé e vontade, coisas boas vão ocorrer na sua vida.”

Lua

“Jesus é real, como seu pai e sua mãe. E ele só espera que você seja uma pessoa melhor.”

Mariana

“Inspire outras pessoas a acenderem sua luz interior. Do contrário, pela timidez, deixaremos que se propague a escuridão da ignorância.”

Diogo

“Amemo-nos uns aos outros. A resposta é sempre o **amor**.”

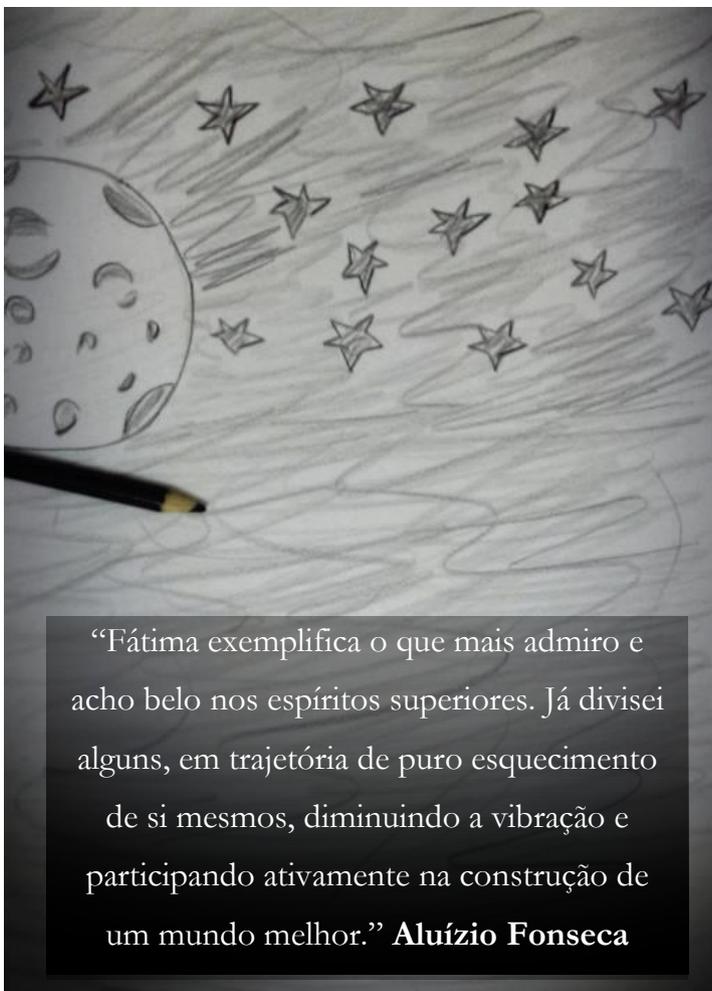
Betinho

ÍNDICE

Apresentação	006
Um pouco do céu de Beatriz	014
À noite	022
A prova	030
A morte de Euclides	042
A visão de Beatriz	052
A guerra no morro	062
Voltando para casa	072
O sono reparador	082
Cidade azul	092
Conversa sobre o corpo espiritual	102
Grande salão da recuperação	112

Não envelhecer	124
Motivo de sua prova	136
Aprendendo a voitar	148
O primeiro trabalho de resgate	156
O caso da menina Laura	166
Ala dos suicidas	182
O inferno particular de cada um	196
Amigos imaginários	206
Visitando a família	216
Refletindo sobre a nova realidade	234
Até outro dia...	244

Apresentação



“Fátima exemplifica o que mais admiro e acho belo nos espíritos superiores. Já divisei alguns, em trajetória de puro esquecimento de si mesmos, diminuindo a vibração e participando ativamente na construção de um mundo melhor.” **Aluízio Fonseca**

Agradeço o carinho e a generosidade de Fátima, nossa estimada professora e também protetora em tantas oportunidades.

E escrever uma apresentação para uma obra como esta, torna-se difícil para mim.

Fátima exemplifica o que mais admiro e acho belo nos espíritos superiores, pois longe estou do ápice de bondade em que estes espíritos estão.

Já divisei alguns, em trajetória de puro esquecimento de si mesmos, diminuindo a

vibração e participando ativamente na construção de um mundo melhor.

Mas a bondosa irmã me fez desconstruir muitos conceitos que adquiri nas últimas vidas na Terra, pois sempre fui ávido por leitura. Enquanto estudioso do espiritismo na Terra, li Gabriel Dellane, Leon Denis, muitos textos originais do mestre Allan Kardec e mantinha a certeza que qualquer obra que fugisse a esta esfera de percepção dos fatos seria pueril e por isso mesmo, de menor apreciação pela ciência espírita.

Vivi toda minha última vida assim.

Ao desencarnar, tive contato com gravações históricas e sem modificações dos fatos em arquivos da cidade espiritual onde fui amparado.

Mas na vida de Jesus, o mesmo que nasceu para ser exemplo e guia, percebi um ser encarnado culto, profundo, com olhar perquiridor e reto e que poderia, com toda facilidade, falar como os

doutores da lei da época. Poderia falar em outras línguas se desejasse, ou mesmo usar de retórica e eloquência desconhecida até aquele momento. Mas preferiu falar para os considerados incultos do povo. E falava por parábolas, estórias ou histórias talvez, que tocassem o coração dos ouvintes e pudessem mudar suas vidas.

Jesus não condenou o estudo, mas evidenciou seu amor aos que mais precisavam.

Assim faz nossa bondosa Fátima. Ela nunca condenou a pesquisa e o estudo, pelo contrário, estimula-nos sempre em nossas conversas. Teria condições de falar sobre assuntos que a humanidade pouco tem acesso e trazer à tona questões de interesse vigente na ciência ou nos pesquisadores da doutrina consoladora, mas preferiu falar para os que pouco conhecem sobre os assuntos espirituais e muito menos sobre a codificação organizada por Allan Kardec.

Fátima nesta obra, fala com simplicidade para os que a buscam, com histórias reais, propiciando entendimento sobre o mundo espiritual e leis que são universais e estimulando desta forma, milhares de pessoas a refletirem sobre os assuntos propostos neste livro e, claro, caso o leitor queira conhecer mais sobre a doutrina espírita, poderá consultar os livros da codificação.

Por outro lado, muitos espíritas tem dificuldade de ler. Não foram acostumadas a ler e captar tudo que perpassa entre as páginas de um livro. Quiçá, obras que foram publicadas a partir de 1857! E com obras como esta, terão a oportunidade de acompanhar a história, de comparar o que escuta nas palestras e com o tempo, se interessar por estudos mais específicos.

A generosidade de Fátima é imensa.

Cabe a mim apenas lutar contra minhas imperfeições e me esforçar para esquecer tanto de mim.

Bia continua trabalhando. Sempre está presente nas reuniões de psicografia, junto com seus amigos que tanto ajudam os recém-desencarnados.

Que esta história linda! Enriqueça sua alma de ternura e desejo de ser uma pessoa melhor.

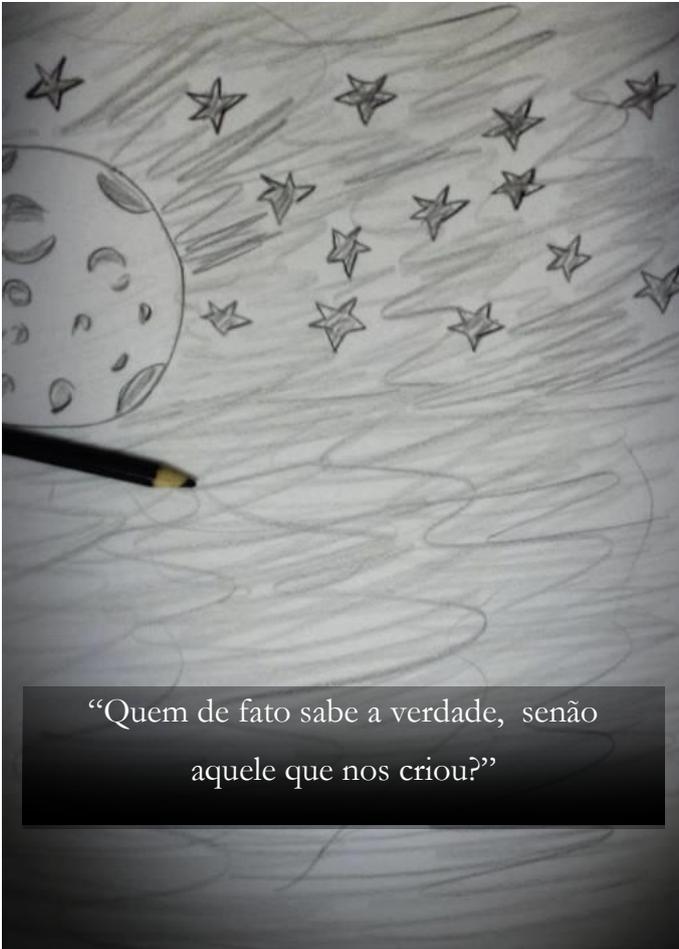
Até porque aqui sua riqueza estará em seus valores morais adquiridos.

Com amor. O amigo de sempre,

Aluízio Fonseca.

17 de Setembro de 2015, Rio de Janeiro.

*Um pouco do
céu de Beatriz*



“Quem de fato sabe a verdade, senão
aquele que nos criou?”

Neste livro, tomei a liberdade de ditar os fatos assim como os percebi, evitando, claro, os detalhes de pouca compreensão na Terra, ou que entendemos como sem muita relevância para o momento, onde citaremos e explicaremos com calma em outra oportunidade.

Não pretendemos assumir qualquer postura inequívoca sobre qualquer religião, doutrina ou credo de quem quer que seja. Quis apenas relatar uma história linda, real e que ocorre todos os dias e muitas vezes as pessoas presas à carne não percebem.

É natural que alguns falarão que foge à verdade, mas quem pode de fato divisar com clareza a verdade senão quem viveu de fato os fatos preso e liberto do corpo físico? E mesmo assim, a verdade ainda seria um ponto de vista, uma janela de observação. Perguntaria novamente, agora com foco mais abrangente:

- Quem de fato sabe a verdade, senão aquele que nos criou?

Algumas religiões promovem grupos que se auto intitulam conservadores da pureza doutrinária, desta ou daquela religião ou doutrina. Mas me permito o questionamento:

- Como liderar um movimento de pureza doutrinária, quando não somos puros ainda?

Sempre advertimos a humanidade, em seu curso evolutivo registrado também no Evangelho segundo o Espiritismo, que o orgulho e o egoísmo seriam as maiores chagas da humanidade.

Só alguém muito orgulhoso acharia ser capaz de liderar ou participar de algum movimento a favor das ideias puras. E só alguém muito egoísta não permitiria uma discussão mais ampla sobre a imortalidade da alma, da reencarnação, da pluralidade dos mundos habitados, de onde viemos e para onde vamos. Todos estes, e muitos outros, são temas que merecem a atenção e liberdade de discussão respeitosa.

O céu de Beatriz é o céu percebido por uma criança que morava no Rio de Janeiro, Brasil. E que, ao se deparar com a realidade após o desenlace físico, percebeu muitas similaridades e suas principais diferenças de quando estava encarnada. E a simplicidade desta experiência para ela foi tanta, que seria impossível não pensar em dividir com os encarnados e deixar que eles tirassem suas próprias conclusões.

A alegria e a felicidade ainda são mal interpretadas na Terra. Ser feliz não é ser contrário de sério. Podemos ser sérios e felizes.

Algumas pessoas são infelizes por doença psíquica e devem ser tratadas adequadamente. Outras, por achar que não são dignas da felicidade; outras, talvez, que confundam felicidade com zombarias.

Ser feliz é transcender às necessidades vigentes e encontrar-se com amor e respeito a tudo e a todos.

Ser feliz é confundir-se com o Criador e assumir uma postura mais positiva com a vida.

A menina Beatriz, apesar de toda prova e dor que passou enquanto encarnada, era feliz. E pode, de fato, entender que ser feliz é uma extensão natural da consciência tranquila e em paz com seus atos.

O livro que as senhoras e os senhores perceberão é ditado na primeira pessoa, porque é a minha visão sobre este céu particular.

Mas se esta história de tocar, mexer com você, se permita perguntar:

- Qual será o meu céu?

- O que estou fazendo em vida para ter uma vida espiritual plena e em paz?

Pois um céu não pode ser construído fantasiosamente, mas conquistado pela própria natureza de seus atos e escolhas.

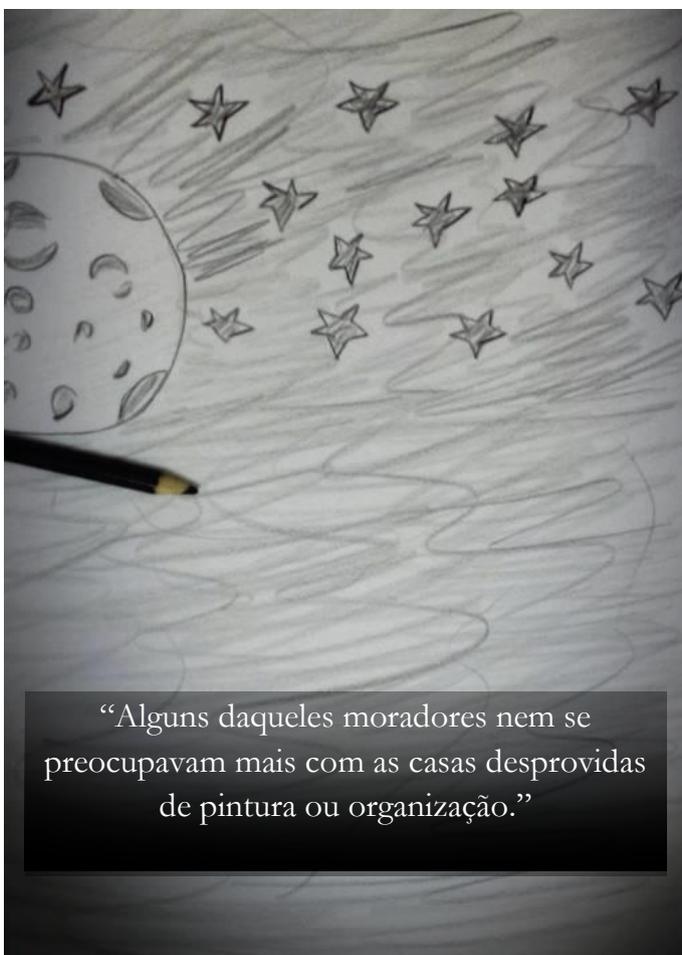
Então, alma amiga e querida por mim e todos nós que servimos a Deus, pense conosco:

Este é o céu de Beatriz, qual é o seu?

Fátima.

08 de Outubro de 2015, Rio de Janeiro.

À noite



“Alguns daqueles moradores nem se preocupavam mais com as casas desprovidas de pintura ou organização.”

O céu parecia brilhar, muito mais que de costume.

E as pessoas que viviam naquela comunidade carioca, tinham uma visão privilegiada da cidade do Rio de Janeiro e do céu também. Alguns daqueles moradores fitavam a imensidão do espaço noturno, divisando estrelas longínquas, outras cadentes. Ainda contavam-se pessoas interessadas apenas em acreditar que existia algo maior, que criou tudo aquilo, como um grande pintor, um grande artista. E onde estaria ele, este criador agora? Pois, ao baixar os

olhos para suas realidades, apenas olhando as casas ainda no reboco, com telhas improvisadas para fugirem da chuva ou do sol forte nesta parte do Brasil, apenas olhando em volta, muitas pessoas já perdiam as esperanças, ou se adaptavam para sobreviver.

Alguns daqueles moradores nem se preocupavam mais com as casas desprovidas de pintura ou organização. Até porque, pobreza nada tem a ver com desleixo ou sujeira. Muitas casas pobres são muito limpas, organizadas. Mas, percebia-se naquela cena, pessoas que já estavam acostumadas na sujeira visual ou nas condições das casas em sua rua. Contudo, não poderiam se acostumar com a violência.

Jovens de doze anos de idade, treze anos, vestindo apenas bermudas e armas de grosso calibre.

A perspectiva percebida era quase morta. Porém, não poderia dizer o mesmo dos desencarnados que se movimentavam pelos jovens armados.

Sem serem percebidos pelos encarnados, muitos daqueles espíritos desencarnados se sentiam mais que vivos, fortes, contentes, riam a toa, percebia-se que eles viviam juntos com os encarnados, que, por sua vez, experimentavam uma sensação profunda de poder. E como toda sensação de poder dorme na ignorância, não se poderia ver Deus naqueles olhos ainda. O criador daqueles adolescentes dormia, junto com sua perspectiva social e de relacionamento.

Outros jovens bem vestidos entravam e saíam da comunidade ou da favela, como chamavam. Estes tinham dinheiro, dinheiro que era oriundo de seus pais e usavam para a compra de drogas.

Ainda era possível vislumbrar o cenário, tão claro e tão triste. Os jovens ricos, cansados de toda

facilidade e convivência quase nula familiar, pois muitas vezes, eram pais ausentes que davam dinheiro para suprir a falta de tempo, diálogo e atenção que um pai e uma mãe deveriam dar. Estes mesmos jovens com dinheiro buscavam se esquecer, enquanto os jovens que viviam em uma comunidade pobre do Rio, usavam armas, arquétipos oriundos de sua agressividade e também da solidão, pois muitos pais daqueles garotos, passavam tanto tempo trabalhando, às vezes em dois trabalhos para sustentar a casa, que não tinham como dar o devido tempo aos seus filhos.

Jamais seria reducionista ao ponto de colocar a responsabilidade em fatores associados ao consumo, ou apenas a dificuldade de ter ou o exagero de só ter. Mas são molas propulsoras para muitos sentimentos que estão arraigados nos indivíduos em evolução na Terra.

E ali, naquele turbilhão que iluminava um morro, que até poucas décadas só tinha a natureza, viviam milhares de pessoas. E ali, com oito anos de idade, debruçada na janela, os olhos arregalados de Beatriz eram negros, como a imensidão que ela divisava. Sua pele escura, seus cabelos crespos, seu sorriso farto, sua energia, caracterizavam uma das mais belas meninas daquele lugar.

Seus irmãos não gostavam de estudar, seu pai era alcoólatra e sua mãe presa no vício do tabaco e da cocaína, seria um prato cheio para ela ser igual a tantas meninas que só queriam ser famosas, ou casadas com homens ricos e poderosos. Bia, como era conhecida, via Deus em todas as coisas. E sua alegria era invejada, e seu olhar altivo era muitas vezes imitado, mas a singularidade que emanava de sua alma a fazia única.

E ao sentir algo extraordinário apenas olhando o céu da noite linda no Rio de Janeiro, Bia, com

apenas oito anos de idade, deixava uma lágrima tocar-lhe a face e seguir seu estado gravitacional.

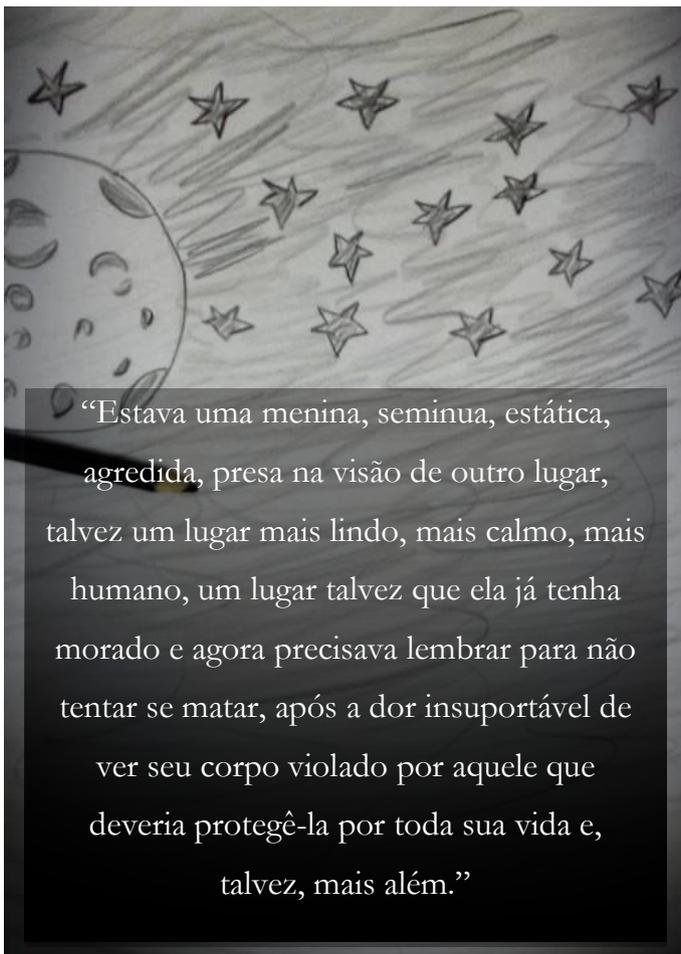
A lágrima caindo em seu rosto, quase se curvava com uma visão parcial de uma órbita elíptica, assim como ocorria na rota do planeta, do sistema solar e a galáxia que vivia.

Foi quando repentinamente, uma mão agressiva lhe tocou os braços indefesos...

- Não! - gritou a menina.

Mas já era tarde demais!

A prova



“Estava uma menina, seminua, estática, agredida, presa na visão de outro lugar, talvez um lugar mais lindo, mais calmo, mais humano, um lugar talvez que ela já tenha morado e agora precisava lembrar para não tentar se matar, após a dor insuportável de ver seu corpo violado por aquele que deveria protegê-la por toda sua vida e, talvez, mais além.”

A mão pesada de Euclides, pai de Beatriz, segurou forte o braço indefeso da menina.

Infelizmente não era a primeira vez.

A mãe, muitas vezes, demorava mais no trabalho para cobrir as dívidas contraídas com os traficantes. Um dos irmãos estava envolvido com o tráfico e o outro irmão realizava pequenos furtos, para suprir sua necessidade de roupas com marcas conhecidas.

Naquela noite, Bia estava só na casa e seu pai, embriagado, fantasiava cenas na sua tela mental e ganhava força para realizar uma das maiores covardias já perpetradas na Terra.

Ao puxar Bia com força, Euclides, com um olhar irreconhecível, fitava a filha como se ele fosse um animal faminto.

A menina gritava, tentava sair daquela investida. Mas o agressor familiar era muito mais forte. Os toques do pai, o encontro do corpo daquele homem, davam-lhe uma repulsa sem precedentes. Enquanto Bia chorava, Euclides se regozijava de prazer, até poucos minutos passarem e alcançarem seu ápice.

O Pai levantou a calça, respirou fundo e saiu para se lavar. Ouvia-se ainda no banheiro o pai falar:

- Bia! Vai dormir que está na hora!

Enquanto no chão da sala, a mesma sala que tinha a janela que iluminava, Bia via o céu lindo e maravilhoso. Estava uma menina, seminua, estática, agredida, presa na visão de outro lugar, talvez um lugar mais lindo, mais calmo, mais humano, um lugar talvez que ela já tenha morado e agora precisava lembrar para não tentar se matar, após a dor insuportável de ver seu corpo violado por aquele que deveria protegê-la por toda sua vida e, talvez, mais além.

A menina não podia contar para a mãe, era ameaçada constantemente pelo pai. Não era sempre que isto ocorria, mas as doze vezes que ela vivenciou esta situação de extremo horror, foi o suficiente para que ela divisasse o inferno bem na sua frente e dentro de seu lar.

No outro dia, Bia acordou, nem deu bom dia, e foi correndo para a casa da tia Vera, uma vizinha já idosa, que lhe dava café da manhã e contava histórias lindas, de lugares lindos. A tia Vera era

paciente, carinhosa e a casa dela sempre foi bem arrumada. Tinha poucos móveis mas todos eram muito limpos. E sob a mesa da sala tinha um livro que chamava a atenção da Bia, chamava-se: O Livro dos Espíritos.

Às vezes, a tia Vera lia perguntas daquele livro. E a menina luz, com provas gigantes, adorava escutar. Parecia que as duas, a criança de oito anos e a senhora de mais de setenta, que morava sozinha, se conheciam há muitos anos, pois a sintonia era evidente.

Bia nunca contou para ninguém do que ocorreu, ninguém parecia desconfiar que Euclides, amigo de todos, muito conhecido na comunidade, praticaria aqueles atos. Muito menos que a sorridente Beatriz, que corria alegre nas ruas apertadas daquela minicidade, estivesse sendo molestada ou maltratada dentro de sua própria casa.

Neste dia, depois de estar com a tia Vera, Bia tinha que voltar mais cedo, pois era domingo e a mãe queria que todos estivessem juntos para almoçar. Mesmo a própria mãe estar sempre ausente em seus pensamentos.

Na mesa, o irmão Alexandre, que era conhecido na comunidade como Xande Sinistro, principalmente com os colegas do tráfico, perguntou:

- Qual é Bia? Você está esquisita, rolou alguma coisa contigo garota?

- Não Xande, tô legal! - falou a menina que tinha jeito de gente grande.

- Tu sabe Bia que qualquer coisa que rolar contigo, é só me falar que resolvo. - voltou o irmão a falar, já com o tom imperativo e desconfiado de algo estar acontecendo.

- Essa garota tem problemas. - falou o pai, cortando a conversa.

O irmão Gustavo, que era chamado na região de Gú, deu de presente para a irmã um perfume caro e que só era usado por pessoas ricas.

- Gú, por que você deu este presente para Bia e não para mim? - comentou quase gritando a mãe Alice.

- Tá de ciúmes, Alice? Pow, a Bia é mó maneiral! Merece, sabe qual é? - falou o Gú.

E sem ligar muito para o que estava ocorrendo, a menina corre e vai abraçar o irmão que lhe dá o presente.

O almoço seguiu sem maiores alterações. Todos estavam presos a seus pensamentos habituais. E Bia, apesar da aparente solidão, se sentia acolhida, protegida, amada. Acreditava piamente em Deus e sentia em seu coração que tudo aquilo ia mudar.

Às vezes, conversando com a tia Vera, Bia via luzes coloridas no ambiente. Noutras situações, sentia cheiro de flores desconhecidas para ela e uma vez, ela ouviu a voz de uma mulher ressoar na sala da tia que gostava de ler o Livro dos Espíritos.

A voz não era estranha para ela e na ocasião sussurrou em seu ouvido:

- Tenha fé, confie Bia. Em breve você estará de volta e poderá estar com seus irmãos e família espiritual por longo tempo. Confie no Criador!

Nem todas as palavras foram registradas pela menina, mas o sentimento de proteção e amor, ficaram gravados na sua alma por muito e muito tempo.

Já no final do dia, algumas amiguinhas vieram visitá-la, até para ver o presente que o irmão deu. Todas usaram o perfume. Outra amiguinha borrifava o perfume no ar. Um contraste com o

cheiro de cigarro que tomava conta de quase todas as casas da rua.

- Que marca é essa no seu braço, Bia? - perguntou a amiguinha Karolyne.

- Caí. - disse Bia, brincando com o frasco do perfume.

- Caraca Bia, mente não! - insistiu a amiga.

- Você tá chata, garota. - disse Bia. Empurrou a amiga e saiu correndo.

Todas as amiguinhas foram atrás. Duas delas com os pés descalços, tocando um chão sujo. Uma rua onde as casas não tinham o saneamento devido.

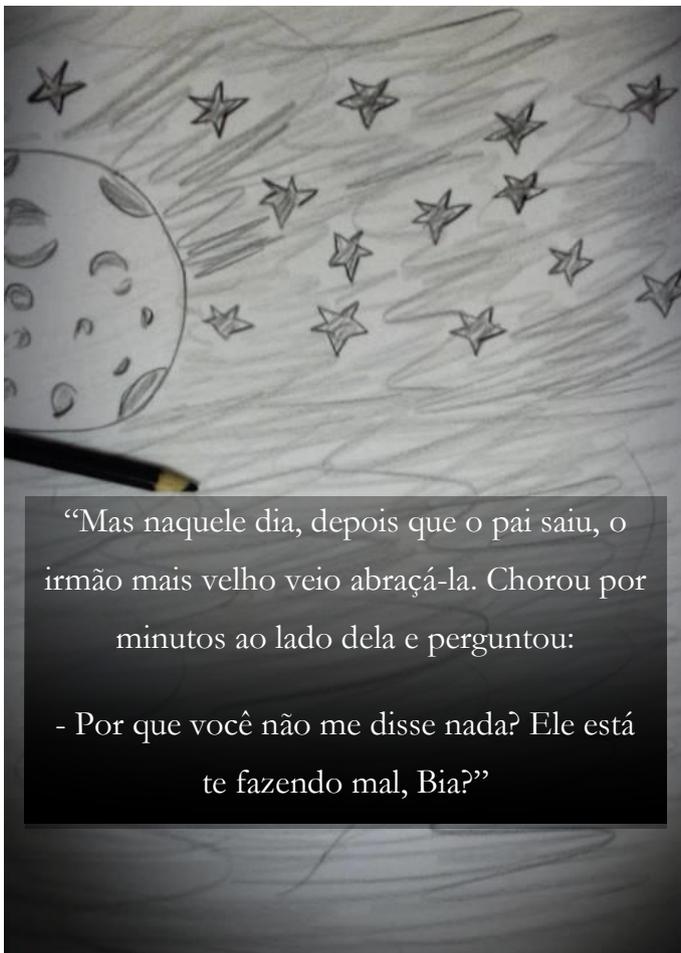
E novamente a noite caía na comunidade. Som de fogos de artifício era ouvido a distância, para anunciar que havia drogas à venda no morro.

Jovens armados corriam céleres nos becos e vielas, senhoras cozinhavam, homens preparavam a

roupa para o dia seguinte de trabalho. Moças adolescentes vestiam roupas ousadas para o baile mais tarde. Outros rapazes escolhiam a roupa com marca conhecida para angariar alguma conquista fortuita que chamavam de “pegação”. Enquanto Bia pedia intimamente a Deus para dormir e que Ele mudasse tudo.

Encontrava esperança na voz que ouvia na casa da tia Vera e, apesar de todo sofrimento percebido nela, nas pessoas que ela via ou na comunidade que morava, jamais perdeu a força que Deus emana e é a mais poderosa que já existiu, **a esperança.**

A morte de
Euclides



“Mas naquele dia, depois que o pai saiu, o irmão mais velho veio abraçá-la. Chorou por minutos ao lado dela e perguntou:

- Por que você não me disse nada? Ele está te fazendo mal, Bia?”

No dia seguinte todos se arrumaram rapidamente para seus afazeres. Era segunda-feira, um dia nublado, mas logo pela manhã bem agitado na comunidade.

A dona Alice saiu rápido, fez o café e deixou que cada um fizesse seu pão com margarina para ganharem a rua. O Gú, apesar de ser um pouco preguiçoso, preferiu sair cedo também, pois tinha um encontro com amigos no asfalto. Xande era sempre o primeiro a sair, participava de rodízios para a “proteção da favela”, como chamava. Mas neste dia, ele não precisava sair tão cedo, seu

turno ficou para mais tarde. Acordou mas não saiu da cama, ficou com vontade de continuar deitado e deixar o tempo passar.

Até que ouviu algo que lhe transtornou.

- Aí, sua suja! Não conta para ninguém, hein! Senão te joga na vala, como toda safada que merece sofrer. - dizia Euclides com tom sarcástico para a filha que ainda dormia.

Acordando assustada, Bia chora pedindo para o pai parar de falar aquelas coisas.

Xande, entendendo perfeitamente do que se tratava, ficou apenas ouvindo no quarto, desejando não ser percebido pelo pai.

- Você é uma vadia, assim como sua mãe! Bico calado! - disse Euclides. E saiu.

Beatriz, chorando baixinho, ficou na cama esperando o pai sair para se arrumar e correr para a casa da tia Vera.

Mas naquele dia, depois que o pai saiu, o irmão mais velho veio abraçá-la. Chorou por minutos do lado dela e perguntou:

- Por que você não me disse nada? Ele está te fazendo mal, Bia?

- Mas Bia desta vez não pode mentir. Sentiu-se realmente protegida pelo irmão e apenas chorou, abraçando-o com toda força que tinha.

Sem dizer nada, Xande espera a irmã se arrumar, leva-a para a casa da vizinha e sai, sem ao menos tomar seu café da manhã.

Aliviada, Bia não sabe o que realmente acontecera. Foi uma manhã maravilhosa na casa da tia Vera.

Contudo, nas comunidades daquela época, onde o tráfico imperava, algumas leis eram severas. E o que o seu Euclides estava fazendo não tinha perdão.

Aquele seria o último dia de vida do Euclides.

Sentada no sofá da tia Vera, Beatriz sentiu vontade de perguntar sobre o livro que tinha na mesa da sala:

- Tia, por que a senhora lê tanto este livro?

- Você quer mesmo saber?

- Sim, estou muito curiosa. O que são espíritos, tia?

- Bia, eu acredito que nós estamos vivendo uma experiência no corpo físico. Mas já vivemos outras vezes e vamos viver outras. O espírito somos nós e nós continuamos vivas além das vidas.

- Tipo alma penada, tia?

- Tipo algo maior, Bia. Penso que se o nosso corpo morresse agora, seríamos a mesma pessoa do lado de lá. Eu ia continuar cozinhando, lendo meus livros e você seria esta menina linda, sorridente e feliz para sempre.

- Pra sempre é muito tempo, tia.
- É verdade, Bia. É por isso que passamos um tempo lá no mundo espiritual e depois voltamos para nascer de novo. Falou a senhora com um sorriso no rosto.
- Tia, não quero nascer de novo. Quero ficar por lá por muito e muito tempo.
- Você sabe como são os espíritos, Bia?
- Acho que são fumacinhas coloridas.
- Por que acha isso?
- Porque às vezes vejo fumacinhas passando ou luzes brilhando na sua casa.
- E na sua casa não, Bia?
- Em casa só quando rezo. Mas sempre passa fumacinhas sem cor.

E o dia passou assim. A senhora Vera feliz pelo pensamento livre daquela menina de oito anos de idade e a Bia feliz por ter como falar abertamente do que via e sentia sobre este assunto.

Como Bia não tinha aula, era período de férias, só voltou para casa à noite.

Às seis horas e trinta minutos mais ou menos, a casa da Bia estava cheia. A notícia de que seu Euclides foi terrivelmente assassinado, com requintes de muita crueldade, foi o assunto vigente.

A mãe abraçou a filha e tentou explicar como podia. Mas a menina não sabia como agir. Ela chorava porque seu pai havia morrido ou se sentia leve por saber que seu agressor havia finalmente saído de sua vida?

Em silêncio, a criança apenas ficou por ali, ouvindo o que os adultos diziam.

E pela primeira vez, dormiu um sono profundo, pois ninguém iria lhe fazer mal à noite, enquanto ela dormia.

E por incrível que pareça, a mãe não sofreu tanto quanto uma mulher sofreria por perder seu marido.

O irmão mais novo, o Gú, parecia não ligar para a situação.

O irmão mais velho estava sério.

As pessoas que visitaram a casa dela, não estavam necessariamente preocupadas com a família. Pareciam mais curiosas que preocupadas ou com vontade de ajudar.

Tudo aquilo era estranho, pois na cabeça de Beatriz, ela acreditava que de onde ela vinha ou tinha vivido antes, as pessoas se amavam de verdade.

Beatriz orou e um sono leve e tranquilo suavizou sua cabeça inquieta por tantas perguntas sem respostas...

*A visão de
Beatriz*



“Quando as pessoas entenderem que notícia do além não se pede, apenas chega, saberão que será mais importante se esforçarem para que possam se iluminar e aí, seus afetos desencarnados poderão se manifestar, na sutileza espiritual que banha as pessoas humildes e que buscam realmente a sua mudança moral.”

A semana na casa de Beatriz passou sem muitas alterações, pelo menos não para os demais moradores. Mas para a menina Bia, era uma semana nova, mais tranquila.

A tia Vera intensificou as conversas sobre vida além da vida física, já que era de interesse de sua visitante. Pedia inclusive, que orasse para seu pai. Que pedisse a Deus para que ele fosse amparado no mundo espiritual.

Até que um dia, após uma longa conversa sobre anjo da guarda, Bia sente algo diferente. Ela podia

sentir que tinha alguém no ambiente. Mesmo sem ver, ela podia sentir. Chegou a perguntar a tia Vera se estava sentindo também. Algo estava fora do seu normal em suas percepções. E sem esperar ou provocar, viu do lado da senhora encarnada, um jovem, de aproximadamente dezoito anos de idade, sorrindo, feliz, com uma luz rosa muito forte cobrindo todo seu “corpo”. Como ele emanava muita paz e tranquilidade, a Bia não se assustou.

Mas a tia Vera sim...

- Bia, o que você está vendo? Olha, não vai se deixar levar por nossa conversa, viu?

E Bia só ficava olhando fixamente para o lado de Vera. Bia olhava e depois sorria! A Vera inquieta quase grita:

- Bia! Pare já com isso!

- Tia, não fica com medo. Estou vendo um garoto do seu lado, muito sorridente e me dizendo para eu ter calma que logo vou voltar para casa.

- Que conversa é esta, Bia? Você está me assustando!

- Calma, tia. A senhora fala tanto de espíritos e quando vem um a senhora fica com medo? - falou a menina sorrindo.

Percebendo que não era invenção da cabeça de Bia, Vera arriscou perguntar:

E como é este rapaz? Ele tem nome?

E a madura Beatriz diz:

- Ele parece o Xande tia, só que mais forte. Tem um sorriso na cara, o cabelo está bem cortado e tem um brinco na orelha esquerda.

Vera mudou suas feições, parecia reconhecer aquela descrição. Quase podia se ver uma lágrima no canto do olho, quando Bia arrematou:

- Ele se chama Nivaldo, tia. É Nivaldo o nome dele!

Um grito de alívio, felicidade! Um susto invadiu a sala!

Como a Bia não sabia o motivo, correu para o abraço da tia Vera que estava chorando como uma criança.

- Que foi tia, falei alguma bobagem? - insistiu Beatriz.

E com um olhar de reconhecimento, enquanto as lágrimas brotavam sem sua vontade, antes mesmo que Vera pronunciasse algo a respeito, Bia fala:

- Tia, tia! Ele falou assim: diz para minha mãe que estou vivo e que sempre venho visitar ela!

Quem poderia dizer, em sã consciência, que uma criança como a Bia poderia ser o instrumento sagrado que se serviu Deus para trazer a boa nova, a boa notícia de que seu filho, desencarnado há alguns anos estava ali, do seu lado, com as mesmas características físicas e jeito de falar? Quem poderia imaginar?

Muitas vezes, ainda sob o efeito da ignorância, pessoas procuram médiuns em variados lugares. Muitas vezes, até pagam para ter uma notícia de quem ama. E ali estava a personificação da mais pura vontade do Criador. De graça, sem pretensão de vangloria por parte da médium ou mesmo de qualquer outro interesse de troca por parte de quem recebeu a notícia, já que ninguém esperava por aquilo.

Quando as pessoas entenderem que notícia do além não se pede, apenas chega, saberão que será mais importante se esforçarem para que possam se iluminar e aí, seus afetos desencarnados

poderão se manifestar, na sutileza espiritual que banha as pessoas humildes e que buscam realmente a sua mudança moral.

Já refeita, diz Vera:

- Bia, você não tinha como saber. Nunca lhe falei a respeito. Você inclusive era muito pequena quando meu filho desencarnou. Estou muito grata a Deus por isso.

A criança, sem saber o que falar, apenas perguntou:

- Tia, ele desapareceu. Estou ficando louca?

Enquanto Vera ria gostosamente, Bia falou:

- Ele brilhava tanto, tia! Foi tão lindo ver ele! Se ele quisesse eu ficaria conversando com ele o dia inteiro.

- E eu? Não vai mais querer conversar comigo? - falou Vera.

- Sim tia, mas falar com gente morta foi bem legal!

O riso foi fácil e Vera ganhou o dia e uma certeza renovou sua fé e sua crença na imortalidade da alma. Sentiu vontade de ler outros livros de Allan Kardec e se aprofundar em assuntos que ainda não sabia.

Deus está em todas as coisas. Na pobreza, na riqueza, na dificuldade, nas aparentes felicidades, nos estados de luz da alma. Deus está em tudo e em todas as horas.

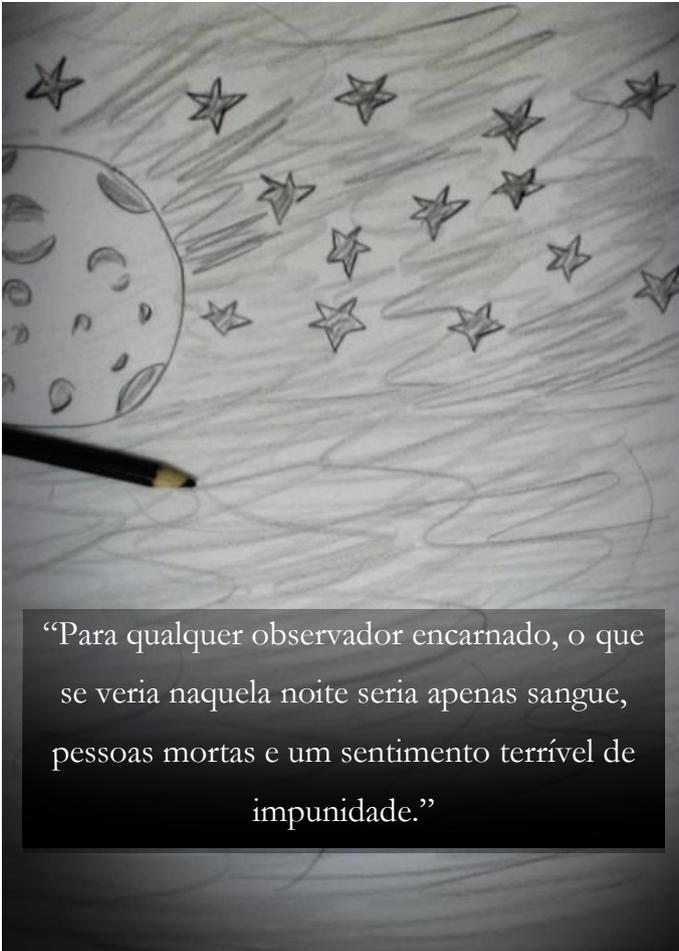
Qualquer manifestação contrária é de caráter humano.

Que bom seria se todos pudessem se esforçar mais para serem pessoas melhores. Naquele momento, nem Bia e nem Vera podiam imaginar que aquela visão seria apenas a ponta de um gigantesco iceberg de realidade espiritual.

Olhamos para os lados e vemos coisas ruins, e por nossa falta de perspectiva concluimos: o mundo é ruim e cruel. Mas quando buscamos nos iluminar e tentamos perceber Deus e sua criação espiritual, inevitavelmente somos atingidos por sua presença, como retorno inevitável de quem lançou um movimento no universo. E Ele, o criador de tudo, retornou este movimento com generosidade e carinho para mudar a vida de quem o busca sinceramente.

Após prometer que não contaria para ninguém do que viu naquele dia, Bia volta para casa como se nada houvesse ocorrido.

*A guerra no
morro*



“Para qualquer observador encarnado, o que se veria naquela noite seria apenas sangue, pessoas mortas e um sentimento terrível de impunidade.”

Depois de algumas semanas do desencarne de Euclides, a comunidade estava muito agitada. Corria um boato que uma facção rival que liderava o tráfico de drogas daquele lugar estava organizando uma invasão.

Apesar dos moradores estarem relativamente acostumados com a venda das drogas, ou seu consumo em alguns lugares daquela comunidade, ou mesmo quando sabiam que alguém havia sido executado, a ideia de uma invasão assustava.

Naquele dia, as pessoas ficaram dentro de casa, tentando falar de outra coisa, para afugentar o medo que era constante no pensamento de todos.

Mas quando a noite chegou, era impossível não sentir medo. O barulho dos tiros, a correria de jovens arfantes, alguns com tons ameaçadores e palavras autoritárias. Mesmo os mais corajosos ficavam acanhados em seus lares, esperando que tudo passasse logo.

Beatriz ficou deitada debaixo da cama. Sentiu uma grande vontade de orar. O irmão mais novo, o Gú, estava na casa de um amigo. O Xande estava na rua, tentando impedir a invasão no morro. Sua mãe usou drogas e estava em um estado letárgico na sua cama.

Naquele instante, não dava para correr para a casa da tia Vera. Apesar do medo após orar, sentiu uma grande confiança que tudo ficaria bem. Não sabia explicar aquele sentimento, mas confiou nele.

A noite foi muito agitada.

Até que a rua onde morava Bia foi encontrada pelo bando, que a este momento conseguia tomar o morro.

Ouviu tiros e gritos. Inclusive, ouviu a voz da tia Vera gritando e tiros, e depois, ouviu apenas pessoas correndo. Até que a porta da casa dela é derrubada pelos invasores.

- Aí, tem gente deitado neste quarto. - falou um deles.

- Pow, é a mãe do Xande Sinistro. Apaga ela cara!
- disse outro.

E o som de três tiros é ouvido pela menina Beatriz que se levantou, acreditando que falando com eles, poderia tudo ser resolvido.

Mas quando um destes jovens, que era magro, estava sem camisa, com uma bermuda usada por surfistas nas praias da zona oeste do Rio, viu a

menina, não hesitou. Atirou apenas uma vez, acertando em cheio a testa de Beatriz.

- Pronto, matamos todos. Falta apenas o Xande. Falou um dos rapazes, referindo-se ao fato de terem executado o irmão da Beatriz, o Gustavo, antes de entrarem na casa.

E de fato, a palavra do rapaz foi cumprida. Naquela mesma noite, o Xande foi morto, queimado dentro de pneus de carro, com frio requinte de crueldade.

Para qualquer observador encarnado, o que se veria naquela noite seria apenas sangue, pessoas mortas e um sentimento terrível de impunidade.

Algumas casas foram queimadas, principalmente onde moravam pessoas envolvidas com o líder da favela. Cápsulas das balas eram vistas no chão de várias ruas. Pessoas agonizando.

Mas para muitos espíritos desencarnados a visão era outra.

Como Deus não joga dados, centenas de tarefeiros desencarnados já sabiam desta investida na comunidade onde Beatriz morava e desceram das esferas celestes para ajudar e receber seus afetos que estavam se libertando do corpo físico.

Neste dia eu estava lá!

Vi muita luz. Era tanta luz! Tantos seres desencarnados orando e trabalhando. Eu vi uma comunidade brilhando em cores diferentes, todos com um só propósito: apenas cuidar dos nossos irmãos nesta etapa da evolução humana.

Sei que outros espíritos desencarnados viam a dor, se aproveitavam do sofrimento para se alimentarem de suas energias e que talvez, na sua ótica, viam apenas morte e sangue.

Mas não é assim na vida?

Cada um só vê aquilo que tem condições de ver.

Muitos corpos caíram, mas seus espíritos eternos se soltavam. A grande maioria com ajuda de seus anjos da guarda. Mas se libertavam para o mundo primeiro, para seus verdadeiros lares.

Outros espíritos, que acreditavam ainda estar vivos, corriam com suas chagas e marcas do motivo da morte pelas ruas da comunidade. Nós vamos ser no mundo espiritual o que somos na Terra quando encarnados.

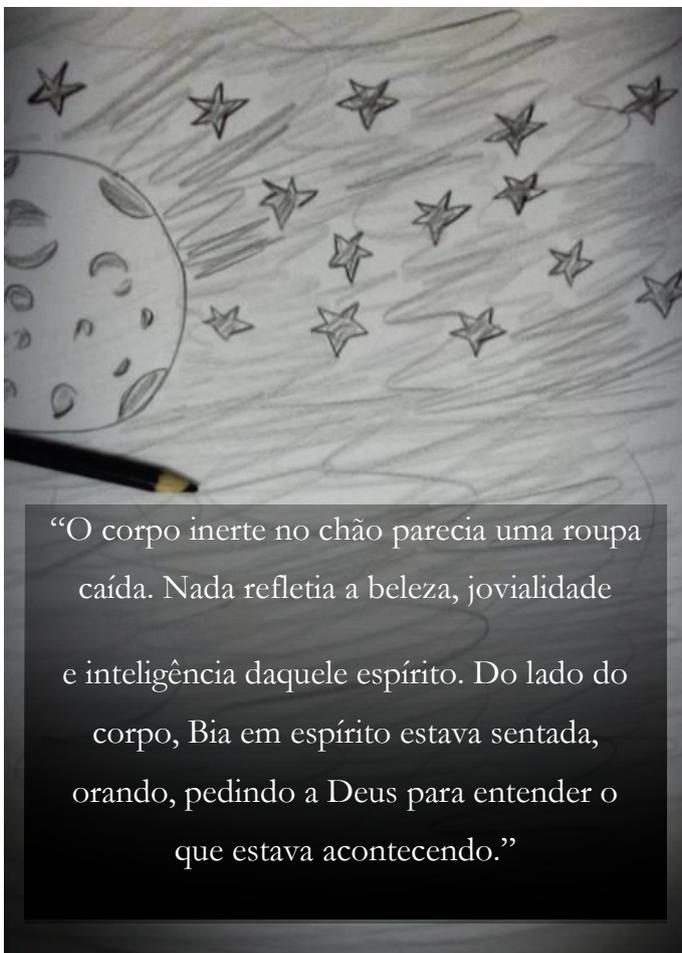
Por isso, é tão importante lutar contra suas imperfeições enquanto estamos vestindo o corpo físico, pois todas as conquistas materiais ficarão e nada valerão aqui. Mas o esforço empregado para ser uma pessoa melhor e fazer a caridade, isso aqui valerá mais que ouro, mais que prata. Mas será tão valioso, que dinheiro nenhum do mundo poderá comprar.

Percebia os tarefeiros da cidade da Santíssima, cidade espiritual que fui confiada a morar e trabalhar por quinhentos anos, se me permitirem usar de analogia da temporalidade humana para melhor entendimento.

Nós não temos líderes como na Terra. Os mais antigos são naturalmente integrados como responsáveis e trabalhamos muito também. Eu, humildemente, sou um destes espíritos. Não por meu mérito, mas pela excelsa bondade de Jesus e do Criador.

Cheguei próximo da casa de Beatriz logo após os agressores terem saído correndo da casa e fui ver a menina que era um sol e não sabia.

*Voltando para
casa*



“O corpo inerte no chão parecia uma roupa caída. Nada refletia a beleza, jovialidade e inteligência daquele espírito. Do lado do corpo, Bia em espírito estava sentada, orando, pedindo a Deus para entender o que estava acontecendo.”

A casa de Beatriz estava repleta de tarefeiros espirituais. A mãe de Bia foi retirada do corpo físico. Sua mãe, já desencarnada, e com longos anos de labuta na seara da fraternidade e do amor, pediu intercessão aos espíritos iluminados e foi atendida.

Ela solicitou que sua filha fosse auxiliada neste processo de desencarne, que fosse levada a um hospital no mundo espiritual, que no caso estava localizado em um local próximo à cidade da

Santíssima. Nobres irmãos fizeram o desenlace e estavam levando Alice para o hospital, enquanto eu e alguns amigos irmãos, presenciamos uma cena digna de nota.

O corpo inerte no chão parecia uma roupa caída. Nada refletia a beleza, jovialidade e inteligência daquele espírito. Do lado do corpo, Bia em espírito estava sentada, orando, pedindo a Deus para entender o que estava acontecendo.

Ela não entendia o que estava ocorrendo. Percebia os espíritos que trabalhavam e ajudavam sua mãe, mas até o momento, não havia entendido o que tinha ocorrido. Depois de tanto tempo conversando com a tia Vera, ela sabia que estava desencarnada. Não sentiu medo, pelo contrário. Ela estava na mesma sintonia de amor, na mesma vibração daqueles seres iluminados, pois Bia era um deles.

Na sua frente estava Joaquim. Um notável trabalhador desencarnado, que devotou seus últimos anos para guiar Beatriz nesta última e curta encarnação na Terra. Muitos o chamarão de anjo da guarda, outros de guia protetor ou espiritual. Para mim, era um amigo querido. E claro, bem conhecido de outras vidas da Beatriz.

A Bia o via, sentia que o conhecia mas ainda não lembrava. Do alto, de mundos de vibrações bem mais evoluídas, uma luz vinha para tocar a cabeça da menina desencarnada.

Bia, instintivamente saiu do corpo. E ao orar, sua prece foi tão sincera, que provocou a conclusão de todos os liames que ainda a ligavam ao corpo físico.

E quando percebi que ela estava pronta, falei:

- Minha menina, enfim de volta ao mundo primeiro!

Ela reconheceu minha voz e disse:

- Você é a voz que falava na minha cabeça.

- Sim, sou eu.

- Como você é linda! Voz minha, eu morri não foi? - disse Beatriz.

- Não, querida. Apenas o corpo que você usou parou de funcionar. E você, que era a fonte, a luz que animava este corpo, se despreendeu.

- Caraca! - falou sorrindo Bia.

Alguns dos trabalhadores riram de sua espontaneidade.

- Bia, este é Joaquim, um amigo que ajudou você estes anos. - falei apontando-o.

- Fala aí Joaquim, tudo tranquilo? - perguntou Bia.

Joaquim riu e deixou cair uma lágrima de felicidade, pois a prova que Bia vivenciou com o pai, foi um sofrimento para ele também.

Mas, assim que Bia voltasse aos poucos a sua essência espiritual, lembrando do passado em outras vidas, com certeza poderiam sentar e conversar a respeito.

E sem que percebêssemos, Bia já estava conversando com os trabalhadores espirituais, perguntando o nome deles, sobre os aparelhos que portavam, etc.

- Bia, precisamos ir para a cidade azul. - falei.

Algo despertou nela, pois aquela certeza de que viveram em algum lugar diferente reacendeu nela. E como sabia que era o nome dado por muitos moradores àquele lugar de paz e harmonia, saberia que isso a ajudaria a ir se lembrando aos poucos.

- Venha Bia, vamos voltar para casa! - falei, convidando-a com os braços.

- E minha mãe e irmãos? Todos morreram? Como poderei saber deles?

- Sua mãe foi ajudada, mas seu pai e irmãos, teremos que esperar um pouco.

- Esperar o que? Podemos ajudá-los agora?

- Não, minha menina. Deus respeita muito o direito de escolha de cada um. Isso se chama livre-arbítrio.

- E eles vão ficar aqui para sempre?

- Não. Pra sempre é muito tempo, Bia. Um dia, todos escolhem voltar para casa.

- Poderei vir vê-los depois?

- Sim. Quando estiver pronta, poderá.

- Tia, na minha cabeça o céu tinha iogurte todo dia.

- Vamos ver, quem sabe não tem?

Bia riu e veio me abraçar. E oramos juntas:

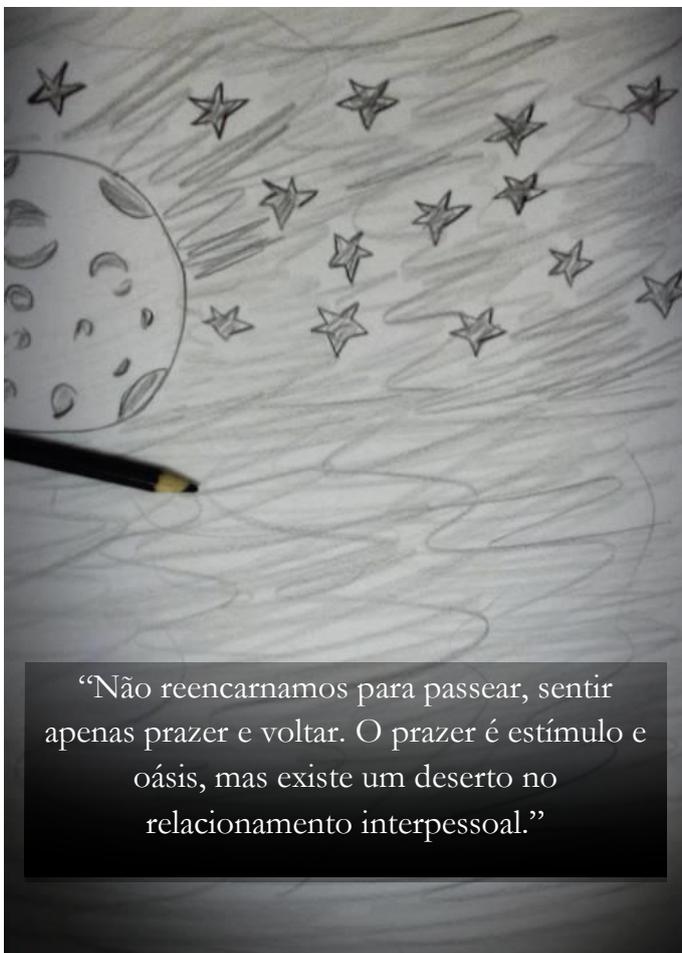
- Querido Criador, obrigada pela oportunidade de divisar as diferentes formas de vida na existência eterna. Como reclamar da sorte, quando o fulcro de nossa essência sempre foi a fagulha de teu amor em nós. Nada somos sem ti. Cuida de cada espírito em sofrimento neste lugar e ajuda a cada ser que volta para casa hoje, a nunca mais reclamarem do que vivem, para serem espíritos integrais na labuta da criação, que pede tarefeiros todos os dias! Obrigada Deus...

E, ao abrir os olhos depois da oração, Bia percebeu que já estava em outro lugar. Casas pequenas, simples, nada lembrando os cenários suntuosos de algumas cidades. Viu seres em todos os lugares, rindo e acenando para ela de longe.

Bia estava na cidade da Santíssima. Cidade espiritual fundada em homenagem a nossa amada mãe Maria de Nazaré.

- Meu Deus! Eu morri mesmo e estou no céu! - disse Bia, perplexa pela beleza que exalava de cada coisa que via.

Sono reparador



“Não reencarnamos para passear, sentir apenas prazer e voltar. O prazer é estímulo e oásis, mas existe um deserto no relacionamento interpessoal.”

O processo de desencarne, na grande totalidade dos moradores da Terra, exige descanso, a fim do total refazimento das energias que foram gastas no desligamento total com o corpo que ficou para trás e que trará benefício para outros seres microscópicos e que são criação de Deus também.

Beatriz foi convidada a dormir depois que chegamos à Cidade da Santíssima. Ela dormiu por cinco dias sem interrupção. Um sono profundo e com bons sonhos.

Alguns espíritos, que a conheciam antes mesmo de sua última vida na Terra, iam visitá-la. Tocavam carinhosamente seu rosto, outros a beijavam a face. Alguns choravam, emocionados pela vitória na prova, pois Beatriz, apesar da situação difícil que passou com a família na Terra, conseguiu perdoar verdadeiramente a todos e mesmo criança, conseguiu perceber na carne, o céu que é orar, confiar em Deus e deixar que seu fardo seja dividido com o Criador ou, como muitos fazem, pedindo ao próprio Cristo em oração.

Não reencarnamos para passear, sentir apenas prazer e voltar. O prazer é estímulo e oásis, mas existe um deserto no relacionamento interpessoal. Quando voltamos para vestir o corpo físico, nos preparamos, na maioria das vezes, para voltarmos e sermos vitoriosos ante os vícios do espírito.

Toda percepção de tempo, a própria cronologia humana, mantém esta convivência de inúmeros recomeços, ininterruptos recomeços na aurora de

nossa consciência. Todos os dias, reafirmam uma grande oportunidade de novos nascimentos.

Mas, ao esquecermos temporariamente do mundo primeiro, de nossa vida real no mundo espiritual, dependendo da evolução moral de cada um, ao percebermos o oásis, não mais queremos desbravar o deserto, almejando apenas o vento bom, a sombra e a água fresca.

Beatriz pediu para reencarnar naquelas condições. Eram previstas as tentativas cruéis e covardes do seu genitor. Como também as tendências psíquicas de cada membro familiar na casa onde reencarnaria. A vitória do espírito de Bia estava contra ela mesma, e o que ela se tornaria ao passar por aquelas experiências.

E Bia venceu!

A batalha mais cruel, tenebrosa e dura que há. A batalha contra si mesma.

Claro que era um começo. Muito tinha que trilhar até o caminho de sua paz eterna. Contudo, voltar com as condições de aprendizado real que ela voltou, facultou alegria em todos que a visitavam.

As pessoas na Terra mentem. Aqui, ninguém pode enganar os demais. Os pensamentos tornam-se cores ao nosso redor e podem ser vistos por outros.

E a cor que abraçava o corpo espiritual de Beatriz, configurava o mais belo quadro já concebido. Uma verdadeira obra de arte do esforço próprio e da bondade do Criador.

Betinho, um dos espíritos que vivia na Cidade da Santíssima, que preferiu assumir esta forma espiritual de criança por muitos anos para ajudar recém-desencarnados e encarnados em sofrimento, era o que mais ficava olhando Bia.

Foram amigos antes dela voltar à carne e ele ia visitá-la sempre que podia.

É curioso como as janelas de observação espirituais, nos fazem ver conforme nossas crenças e maturidade. Talvez, dependendo de sua religião ou concepção de conhecimento, se visualizassem o Betinho em espírito próximo de Bia, teriam cada um uma versão diferente da verdade. Mas todos, sem qualquer exclusão, estariam ainda na ponta do iceberg. Nenhuma religião detém a verdade. E com o tempo, talvez perceberemos que por mais que algumas tenham entrado em debates profundos sobre a questão da vida após a morte física, os que eram considerados loucos, não sociais, diferentes, esquisitos, ou até completamente fora da realidade, eram de fato os mais acertados em suas teorias.

O sono de Bia foi monitorado por médicos, ou espíritos mais evoluídos da cidade. Algumas vezes, era necessário transferir mais energia ao seu corpo espiritual.

Os sonhos eram produtos de suas boas lembranças vividas na cidade antes de reencarnar. Normalmente, os encarnados sonham por diferentes motivos. Seja por expurgo da mente aturdida ou cansada, seja por lembranças fragmentadas de suas experiências fora do corpo, ou outros motivos. Mas aqui, no mundo espiritual, existem algumas razões distintas. No caso de Bia, ela estava dormindo mesmo. Sua essência repousava, para atingir o ápice de sua integralidade na forma espiritual. Até porque, por ser um espírito mais antigo e esclarecido, não precisaria mais dormir no futuro, salvo em casos específicos de desgaste de energia, oriundos de vibrações ou pensamentos menos dignos.

E ao sonhar, Bia emitia cores diferentes, de acordo com seus sentimentos em sua aura.

Sentada ao lado de Bia, víamos cores rosas, azuis, verdes, com tons que os moradores da Terra desconhecem por não terem condições de

captarem estas cores em seus aparatos físicos, mesmo com a ajuda de instrumentos mecânicos ou artificiais.

Os videntes, que realmente experimentam perceber seres desencarnados em sua amplitude, comumente descrevem que há mais riqueza de cores que as percebidas com os olhos humanos.

Depois destes cinco dias, a bela Bia, com a mesma forma física que tinha, negra, de olhos escuros e vibrantes, cabelos crespos, rosto redondo e com bela simetria, acordava, no que para ela, era seu céu!

- Seja bem vinda, Beatriz! - falei com carinho.

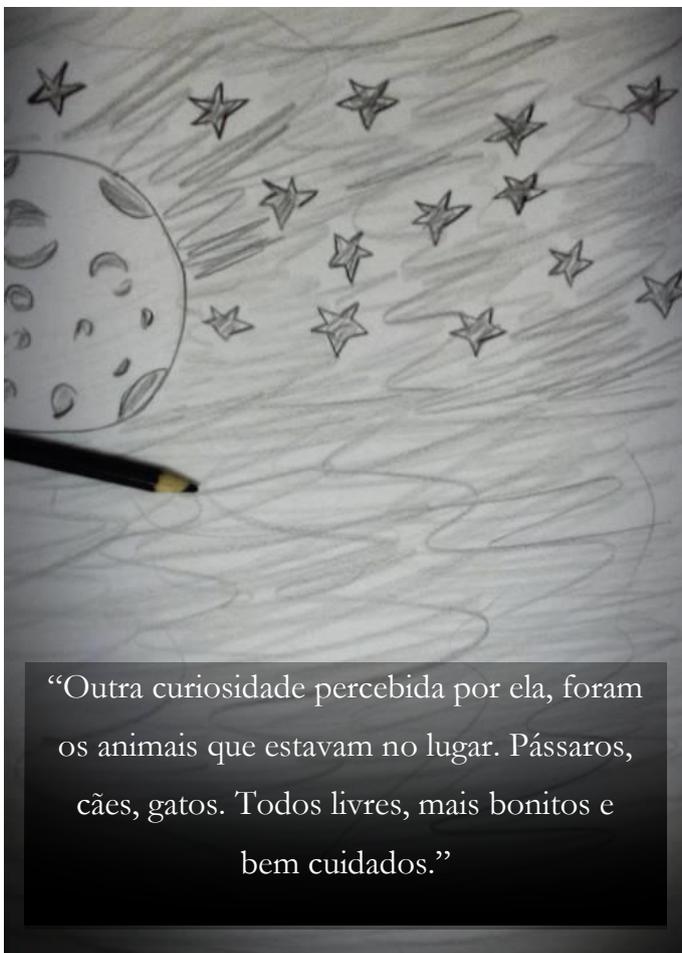
- Dormi muito? - falou ainda sonolenta.

- Não muito. Desperte devagar, tem muitas pessoas lhe esperando...

A sala estava cheia, Bia ainda não reconhecia todos. Mas uma alegria, uma sensação profunda

de ter finalmente reencontrado sua verdadeira família, lhe invadiu o ser. E do rosto lindo de Beatriz, dançaram lágrimas de felicidade. Nada experimentado antes na Terra.

A cidade azul



“Outra curiosidade percebida por ela, foram os animais que estavam no lugar. Pássaros, cães, gatos. Todos livres, mais bonitos e bem cuidados.”

Um por um dos espíritos que estavam esperando a Bia acordar, falaram com ela, dando-lhe boas vindas e elogiando sua experiência bem sucedida na Terra.

Por último ficou o Betinho, que foi logo perguntando:

- Você lembra de mim?

- Tenho certeza que te conheço há muito tempo, mas não me lembro de tudo ainda. - falou Beatriz.

- Sei...Aí? Você tá falando a verdade ou está me zuando? - voltou a perguntar Betinho.

- Não estou mentindo.

- Ahan, tá bom!

- Tenha paciência, Betinho. Ela realmente não voltou a lembrar de tudo. - falei para apaziguar os ânimos.

- Tudo bem Fátima, vou ser paciente. Bia, está pronta para ver seu lar, novamente?

- Sim, estou. Posso ir, tia? – referindo-se a mim.

- Claro que pode. Mas não demorem, pois a irmã Isolda precisa conversar com você.

- Tá, tia. -falou Beatriz.

- Combinado. - falou Betinho.

E sob a luz de um sol diferente, mais claro, forte e influente, Bia olha ao sair da porta principal da casa onde foi acolhida.

Pessoas de todas as idades passeavam, não pareciam ter muita pressa.

As ruas eram arborizadas, flores de muitas cores eram vistas por ela. Dentre as curiosidades percebidas com a recém-chegada Beatriz, uma delas era a discrepância das companhias. Ela pôde ver crianças travando conversas profundas com adultos. Idosos andando com desenvoltura de adolescentes. A maioria privilegiando roupas claras e leves, discretas e sem qualquer apelo para a forma física.

Todos quando passavam por eles, acenavam ou olhavam com carinho.

Um pouco mais distante, Bia percebeu algo que a fez paralisar por alguns segundos. Ela viu seres voando.

- Betinho, aquilo são pessoas voando?

- Ahan.

- Voando? Como assim?

- Normal.

- Fala sério! Pessoas não voam!

- Todos aqui podem voar, ou voitar como chamam.

- Caraca! Sinistro mané!

- Ai meu Deus, começou essa gíria carioca!

- Bia riu e ficou olhando. Eram dezenas de seres que voavam descendo até um prédio, que brilhava muito no seu centro.

Outra curiosidade percebida por ela foram os animais que estavam no lugar. Pássaros, cães, gatos. Todos livres, mais bonitos e bem cuidados.

Tudo aquilo era lindo e maravilhoso. Mas ao mesmo tempo, algo que ela acreditava que existia.

Neste momento, Betinho lhe pega pelo braço e puxa-a para irem à praça próxima da casa que ela foi abrigada. Uma música sublime e celestial era executada. Ela não pôde perceber caixas de som nas árvores, mas a música era propagada em todos os ambientes. Era um volume baixo, agradável.

E Betinho lhe mostrando um pequeno lago, Beatriz pôde ver peixes.

- Tem bichinhos no céu, Betinho?

- Tem. São chatos e sem graça. Tem um monte.

- Mas eles são diferentes.

- Quando sua consciência sobre o passado for voltando, saberá do que se tratam.

- Eles são bichinhos mortos?

- Nem todos. Alguns sim. Muitos já voltam a nascer logo que o corpinho deles fica na Terra. Mas outros, que tiveram grandes ligações com os seus amigos humanos, podem permanecer ao lado deles para ajudar. Mas existem outros tipos de animais por aqui, mas moram fora da cidade e estes sofrem. Podemos falar sobre isso depois?

- Não!

- Como não?

- Não, quero saber mais.

- Não dá. Não hoje!

- Tá bom, amanhã vou querer saber.

- Tinha esquecido de como você era chata.

Ela riu. Um riso gostoso e de paz.

Andaram por mais uma meia hora e Bia foi perguntando sem parar. Até que Betinho falou:

- Vamos voltar, a Fátima deve estar nos esperando. No mais, você fala muito, cansei!

- Você sempre fala assim, desse jeito?

- Ahan.

- E eu que sou chata?

- Ahammm.

- Então tá!

- Você já viu um bom começo da cidade azul.

- Por que cidade azul?

- Acho que foi uma homenagem, pois muitas pessoas usam azul. Muitas casas, variam o tom azul em suas entradas. Talvez seja isso.

- Azul como o manto de Nossa Senhora?

- Não é azul.

- Como você sabe?

- É uma longa história...

- Aí Betinho, eu morri, tempo é o que não falta agora!

Riram os dois.

- Bia, para concluirmos este assunto antes de voltarmos, a cidade tem o nome em homenagem a Nossa Senhora, mas o azul foi algo que pegou, mas ninguém sabe o motivo real.

- Era só isso?

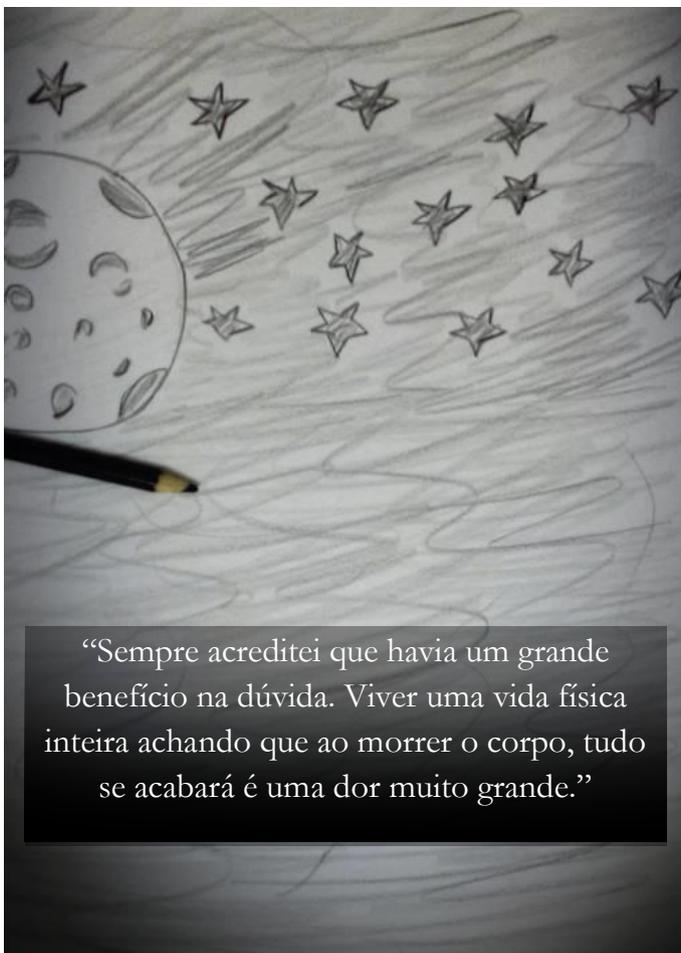
- Era.

- Então tá!

Riram novamente e voltaram.

Em casa, esperava Beatriz, o espírito de Isolda, que era médica e ajudava os recém-chegados com a sua forma espiritual ou perísprito, como também Fátima, que tinha uma boa notícia para dar a Beatriz.

*Conversa sobre o
corpo espiritual*



“Sempre acreditei que havia um grande benefício na dúvida. Viver uma vida física inteira achando que ao morrer o corpo, tudo se acabará é uma dor muito grande.”

Beatriz, esta é Isolda, irmã dedicada, que atua como médica aqui na cidade da Santíssima. Há algumas décadas, vem se dedicando a ajudar espíritos recém-chegados com sua forma perispiritual. – falei, ao perceber que ela e Betinho entravam na casa.

- Oi, tia Isolda. - falou Beatriz.

- Muita paz, dona Isolda! - falou Betinho.

- Olá meninos. Vou ser breve, pois tenho muitos compromissos ainda hoje. - disse Isolda. E continuou:

- Beatriz, a cada segundo que passares aqui, a sua consciência se expandirá. O aproveitamento de suas duas últimas vidas na Terra lhe facultou uma possibilidade maior para que a memória de suas últimas vidas seja apresentada naturalmente em suas lembranças em pouco tempo.

A forma espiritual de criança, aos espíritos esclarecidos e mais evoluídos é facultativa. Alguns espíritos se apresentarão com a forma espiritual que tinham na sua última vida, pois é assim que se veem. Outros, ao expandirem suas consciências, perceberam que foram mais felizes em outras vidas, assumindo alguma experiência reencarnatória como mais importante. E tomam a forma que acharem mais conveniente ou que lhe atribuam maior importância em suas existências.

Você Beatriz, já viveu muitas e muitas vezes na Terra. Poderá escolher a roupa perispiritual que quiser, vai depender de sua consciência. Mas, por suas características de personalidade e pelo bem

que realizou em outras vidas e no período entre elas, aqui no mundo espiritual você poderia ajudar muito se continuasse com a forma espiritual de uma criança.

A nossa querida governanta, protetora e amiga Fátima realiza um trabalho na Terra de grandes proporções. E existem muitos espíritos recém-desencarnados com idade entre meses e 10 anos de idade e você poderia ser muito útil. Sem falar de outras atividades, que ainda não poderei falar por lhe faltar o entendimento devido.

Não precisa me responder agora. Pense, enquanto sua consciência volta ao estado normal e venha me visitar no grande salão da recuperação, onde sou responsável e trabalhadora ativa.

Beatriz não falou nada, ficou muito pensativa.

- Muito legal, vamos trabalhar de novo juntos! - falou Betinho.

Eu esbocei um sorriso de felicidade, abracei-a e me despedi. Isolda também me acompanhou.

Mas antes de chegar à porta, percebendo que Beatriz poderia entender o que tinha para lhe falar, disse:

- Bia!

- Oi, tia Fátima. - respondeu Beatriz.

- Sabe a tia Vera?

- Claro! Ela está bem?

- Está no grande salão da recuperação. Foi devidamente desligada e acreditamos que em breve ela acordará.

Beatriz chorou de alegria!

E perguntei:

- Se quiser, pode visitá-la amanhã.

E sem conseguir falar nada, correu em minha direção, abraçando-me com muita força e dizendo:

- Obrigada tia, obrigada!

Betinho retirou rapidamente algumas lágrimas que saíam desconcertadas.

E finalmente saímos, eu e Isolda.

Mas no caminho fui percebendo o pensamento daquele espírito eterno que retornou há pouco tempo na cidade.

Um verdadeiro turbilhão de ideias surgia e, conforme previa Isolda, a cada segundo ela expandia sua consciência. Sua visão deixava de ser pelos olhos, ela começava a perceber que mesmo com os olhos fechados ela podia ver. Já conseguia enxergar por quase todos os ângulos. Alguns pensamentos de Betinho chegavam a sua mente, sem ele ao menos expressar verbalmente.

O cheiro das coisas, sons que ela nunca ouviu antes lhe eram percebidos.

Eu tinha a convicção que até o outro dia, ela estaria quase recuperada. É bem verdade, que por falta de oração, atividade no bem e esquecimento de si mesmo, a maioria esmagadora que voltava da Terra ficava presa a sua vida antes de desencarnar. E ficavam bem mais tempo ligados à pseudo-realidade que viveram na Terra.

Sempre acreditei que havia um grande benefício na dúvida. Viver uma vida física inteira achando que ao morrer o corpo físico, tudo se acabará é uma dor muito grande. E a dúvida que poderá haver uma vida após a morte do corpo física, pode constituir uma diferença grande na qualidade de suas escolhas, e, por conseguinte, em um maior aproveitamento nas relações com as demais pessoas.

O foco nas existências sucessivas, sempre foi o outro. É fato que a encarnação por si só, já pode ser considerada por muitos como uma prova à parte. Vestir um corpo físico é mergulhar em uma caverna escura e ver a luz do sol de vez em quando, e acreditar que sabe e percebe tudo.

Porém, fora esta janela de observação que expusemos, percebemos que a relação com as pessoas, com o outro, constitui uma forte razão para a reencarnação.

Por isso, a importância da oração, da mudança dos hábitos ruins, o respeito pelo planeta e a busca por soluções de ajuda aos que mais precisam.

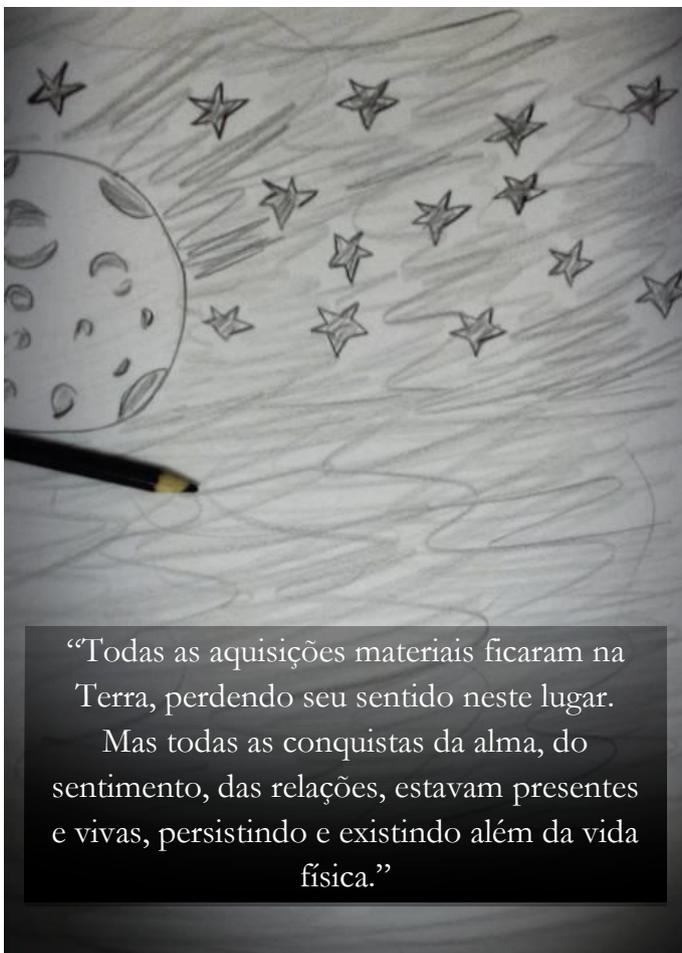
Ao percebermos isso, algo tão simples, damos um grande passo para, ao voltarmos ao mundo primeiro, não ficarmos tanto tempo na recuperação.

Beatriz passou algumas horas conversando com o Betinho. Depois, ele foi visitar outros amigos e

dar prosseguimento a algumas atividades que realizava.

Bia orou com todo fervor antes de dormir e percebeu que isso lhe trazia energia, ânimo, se sentiu quase que alimentada. Dormiu apenas duas horas e acordou disposta, como se tivesse dormido umas oito horas.

*Grande salão da
recuperação*



“Todas as aquisições materiais ficaram na Terra, perdendo seu sentido neste lugar.

Mas todas as conquistas da alma, do sentimento, das relações, estavam presentes e vivas, persistindo e existindo além da vida física.”

Beatriz chegou no grande salão de recuperação acompanhada de Betinho. O lugar era chamado assim pois se tratava, na verdade, de um único espaço de proporções muito extensas e que atendia casos de fácil recuperação para os recém-desencarnados.

Existiam centenas de macas, pessoas de muitas etnias. Crianças, jovens, adultos. Alguns com os olhos abertos e voltando a si aos poucos, outros em profundo sono.

Quando a irmã Isolda assumiu a direção deste setor, percebeu que as ondas vibratórias mais elevadas assumiam fator relevante na recuperação dos recém-desencarnados. Não só dos médicos ou enfermeiros mas, principalmente, dos que estavam se recuperando e se sentiam agradecidos e oravam. A oração emitia vibrações salutares que eram percebidas por todos os que estavam se recuperando no lugar, diminuindo assim o tempo de despertar.

A irmã Isolda propôs a ideia do grande salão, que foi aceita pela maioria. Apenas os casos específicos de tratamento, principalmente os de maior gravidade, é que eram tratados em quartos separados.

As macas não tinham pés sustentando. A maioria dos médicos não andava. Eles volitavam, indo de um lado para o outro, como se estivessem deslizando pelo grande salão.

Luzes verdes de vários tons eram percebidas, aparecendo e desaparecendo em todo salão.

Familiares desencarnados iam visitar e chegando perto de seus afetos recém-desencarnados, oravam e agradeciam a Deus pelo fato de terem recebido ajuda, já que tantos espíritos, presos a seus sentimentos de culpa, ficavam por muito tempo vagando, presos a seus próprios pesadelos mentais.

Bia ao ver a tia Vera gritou:

- Tia Vera!

- Está maluca Bia? Aqui você não pode gritar! - falou sussurrando Betinho.

- Foi mal! - disse Bia e correu para abraçar a tia Vera.

- Que felicidade Bia, ver você aqui! - falou tia Vera, como se estivesse acordando de um sono profundo.

A irmã Isolda, percebendo a movimentação próxima da irmã que despertara há algumas horas, veio para explicar:

- Beatriz, a nossa querida irmã Vera acordou mais cedo e entendeu perfeitamente sua situação de desencarnada. Como vê, nada foi registrado em seu perísprito das queimaduras que atingiram seu corpo físico, por causa do incêndio provocado no dia em que vocês todos desencarnaram. E ao despertar, a primeira pessoa que perguntou foi de você!

- Eu te amo tanto, tia Vera! E estou tão feliz em vê-la!

- Eu também, Bia! - falou Vera, com os olhos em lágrimas.

Betinho, que tudo via com relativa impaciência, falou:

- Então quando vai acabar o melodrama? Todo mundo já sabe que geral está morto e que todos se amam...

- Betinho! - disse Isolda.

Beatriz riu, pois sentiu que era seu jeito e falou:

- Você é muito chatinho!

- Ahan.

- Beatriz, gostaríamos de lhe perguntar algo. - voltou a falar Isolda.

- Claro tia, o que é?

- Bem, você percebeu que sua casa está vazia, só tem você lá. Gostaríamos de saber, se você vai se importar de outra pessoa morar lá com você.

- Claro, seria ótimo.

- Então, querida irmã Vera, no final do dia poderá ir pra casa. Sua casa e da sua filha da alma, Beatriz!

Falou olhando para a senhora que voltou da Terra naquela situação tão difícil.

- Meu Deus, muito obrigada! E entre as lágrimas e o sorriso, abraçou Beatriz, que falou sem parar:

- Vamos morar juntas! Vamos morar juntas!

- Bia, o grande salão é um hospital, pode falar mais baixo querida? - disse Isolda.

- Desculpa, tia.

Betinho, acostumado com a cena de reencontro, preferiu andar pelo salão e tentar ajudar alguns dos trabalhadores ou recém-chegados.

O que a Bia ainda não se lembrava, é que aquela senhora que seria sua vizinha na última vida, era na realidade sua mãe, na outra encarnação, que cuidou, protegeu e amou e pediu permissão aos bons espíritos para voltar e nascer próximo da Beatriz, para estar presente em tudo que precisasse na vida rápida que teria.

Bia estava voltando para casa e seus verdadeiros familiares também.

E, sem que percebessem, o espírito que teria sido filho de Vera na sua última vida e que Beatriz percebeu enquanto encarnada, entrou no grande salão e foi em direção da sua última mãe na Terra.

O rapaz espocava luz. Entrou sereno e fitou Vera com uma ternura ímpar. Quando Vera viu seu filho, gritou:

- Meu Deus! Você veio me ver!

De longe Betinho fez sinal de silêncio e disse:

- Xiiiiiiii! Vocês falam muito alto, hein?

Vera pediu desculpas e ajeitou-se no leito para abraçar melhor seu filho.

Para mim, desencarnada há tanto tempo, ainda ser-me-ia difícil não me emocionar ao perceber a grandiosidade da bondade do Criador.

Todas as aquisições materiais ficaram na Terra, perdendo seu sentido neste lugar. Mas todas as conquistas da alma, do sentimento, das relações, estavam presentes e vivas, persistindo e existindo além da vida física. Era o amor incondicional e puro, se mostrando maior e além da queda da massa pesada que vestíamos antes de vivermos plenamente.

Após aquela primeira conversa, Vera entendeu que seu filho vivia em outra cidade espiritual e que viria visitá-la sempre que possível.

Beatriz estava tão feliz, que ficou com medo de se sentir tão feliz. E ficou quietinha olhando tudo, com confiança de que um Deus e Criador existia e que dali por diante tudo ficaria bem!

A irmã Isolda voltou a seus inúmeros afazeres no grande salão e deixou que o reencontro gerasse os frutos do amor plantado na Terra.

Eu não estava naquele espaço, mas quem disse que espírito tem a mesma percepção de espaço e tempo que os homens na Terra?

Sentada em outro setor da cidade da Santíssima os observava, sem que eles me notassem. Apenas Isolda sabia que os via. Da mesma forma que podia observar, com a facilidade que a abertura da consciência nos propicia, ver os demais trabalhadores e amigos da cidade, caso orassem e nos pedisse ajuda.

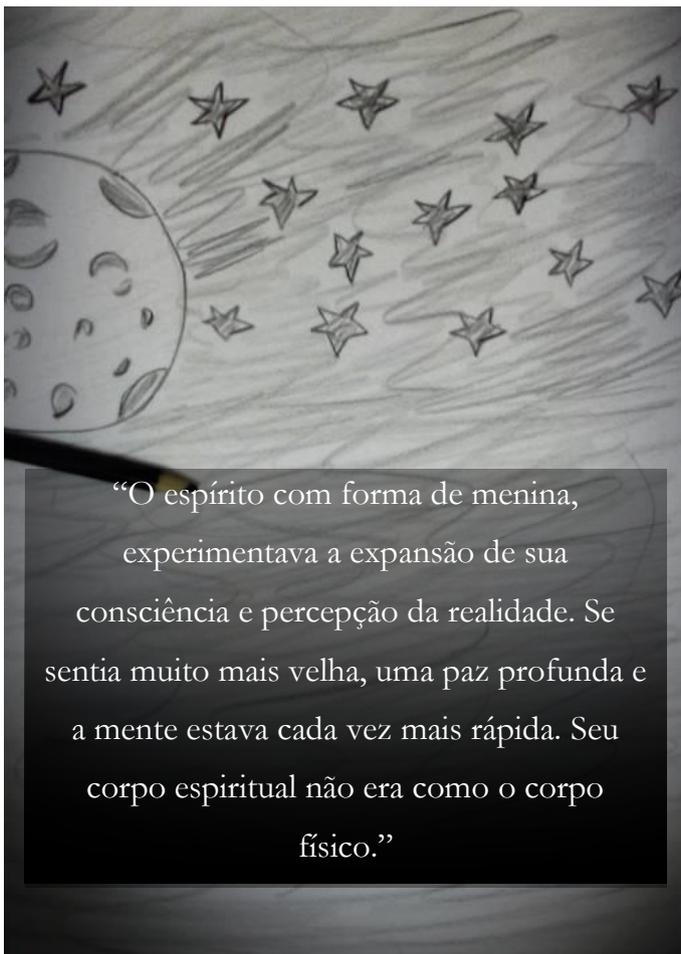
Sei da minha insignificância perante a criação. E os observando, lembrei-me do Cristo, meu Mestre e Senhor. Se eu, pequena que sou nas atividades que me foram confiadas, posso perceber os irmãos na cidade da Santíssima, imagine Ele, a personificação do amor e da renúncia na Terra?

Sendo assim, cada um dos seres na Terra que orar verdadeiramente, orar pedindo sua presença, Ele de fato estará presente. Poderá vê-los, ouvi-los e

inspirá-los. O que muitas vezes pode ocorrer, é Ele, por sua imensa sabedoria e generosidade, deixar que outros espíritos participem de sua tarefa e se sintam em paz por serem úteis.

“Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, Eu estarei entre vós”.

Não envelhecer



“O espírito com forma de menina, experimentava a expansão de sua consciência e percepção da realidade. Se sentia muito mais velha, uma paz profunda e a mente estava cada vez mais rápida. Seu corpo espiritual não era como o corpo físico.”

No dia anterior, a querida Isolda logo que chegou na sua casa na cidade da Santíssima, foi dormir. Bia apenas dormiu uma hora. Sentia-se muito bem sem dormir e não sabia explicar aquilo. O Betinho estava trabalhando e avisou que traria novos amigos para que ela conhecesse depois do expediente. E como falou para a irmã Isolda que aceitaria o trabalho no bem e que deveria ficar por um tempo com a aparência da menina de oito anos, recebeu a visita da

bondosa médica que explicou como isso ocorreria e o porquê:

- Bia, que Jesus lhe proteja e abençoe sempre!

- Obrigada tia Isolda. Estou muito feliz com a presença da tia Vera aqui.

- Aos poucos, você perceberá que os verdadeiros parentes vão chegar. Aqui, os laços são pelo amor e não pela culpa ou obrigatoriedade.

- Tia, percebo que estou retomando minha consciência espiritual e não me sinto mais como uma criança. Poderia me explicar isso e sua proposta de trabalho?

- Sim, claro. Beatriz, o espírito é eterno. Ele nasce no corpo físico quantas vezes forem necessárias para seu aperfeiçoamento e crescimento moral. A Terra sempre teve noção disto, por crenças milenares que atravessaram gerações. E com a

propagação do espiritismo, muitos espíritos assumiram esta realidade. A questão é que absorvem com facilidade o conteúdo, a teoria. Mas um número grande que se auto intitulam adeptos da doutrina espírita, ainda são incapazes de mudar seu coração. Sabem falar tudo da doutrina mas vão demorar para viverem e interpretarem a ideia original que nós desencarnados inspiramos.

À medida que você, o espírito eterno, se melhora e vai evoluindo, a necessidade de encarnar diminui, pelo menos no planeta Terra.

- Caraca tia, então existe ET! Então podemos nascer em outros planetas?

- Sim, Bia. Estamos mais próximos deles, dos que moram em outros planetas, do que supomos. Pense que são apenas corpos diferentes mas a essência, o espírito, é o mesmo que o seu, criado pelo mesmo Criador.

- E por que estou me sentindo mais velha e meu corpo espiritual ainda está de criança?

- Na verdade Bia, naturalmente, sua consciência vai apontar a forma espiritual que usarias aqui. Lembrando das outras vidas, você poderia se apresentar com a forma da última vida ou da vida que você achar mais importante.

- Caraca, que maneiro!

- Pois é. A questão é que os encarnados estão presos ao arquétipo espiritual que eles percebem.

- Ar... o que?

- Arquétipo, ou seja, a aparência ou forma que eles nos percebem.

Toda vez que dormem, eles se libertam do corpo físico temporariamente e encontram seus benfeitores espirituais, familiares ou abraçam suas paixões e perseguições doentias.

E para eles, a forma ainda é muito importante.

Pense comigo. Imagine que em uma religião espiritualista você se apresente como um homem. Automaticamente, dependendo da forma, eles julgarão pela aparência e terão uma impressão daquela visão porque a maioria dos médiuns, não conseguem distinguir o essencial, que é a natureza do espírito, sua energia, sua luz.

Mas se você se apresenta como uma menina linda que é, de oito anos de idade, as pessoas sempre associarão a uma coisa boa, tranquila e principalmente feliz!

- Então o Betinho não é uma criança de verdade?

- Sua essência é bem antiga, assim como a sua. Ele viveu no Japão em sua última vida. E você já percebeu, que pelo seu jeito meio ranzinza, poderia se apresentar como um velho e ninguém iria perceber a diferença.

Beatriz riu e concordou com a cabeça.

Continuou a sábia senhora:

- Mas quando as pessoas libertas temporariamente do seu corpo físico, os médiuns, visualizam uma criança oriental se desarmam e se entregando a um sentimento leve, aceitam a ajuda que o Betinho e os demais espíritos de sua linhagem de atividade na Terra fazem.

Em poucos dias, você vai lembrar naturalmente de sua vida anterior, pois cumpriu bem sua prova na Terra. E nosso convite é que continue com esta forma de menina por alguns anos, ajudando recém-desencarnados que têm dificuldade de entenderem que estão sem o corpo. Ajudando crianças desencarnadas em desastres de automóveis, assassinatos, etc.

- Acho que não sou capaz! - falou Bia, com um tom de preocupação.

- Um dia você saberá que nós, os mais antigos, podemos ver muito além das aparências. E aqui não tem mentira. Podemos ver o interior de todos, inclusive aquilo que você hoje não pode perceber.

Mas façamos o seguinte:

- Continue orando e deixemos esta semana passar. Posso vir conversar com você daqui a uma semana?

- Claro, tia.

E Isolda saiu calmamente, deixando Bia imersa em seus pensamentos.

O espírito com forma de menina, experimentava a expansão de sua consciência e percepção da realidade. Se sentia muito mais velha, uma paz profunda e a mente estava cada vez mais rápida. Seu corpo espiritual não era como o corpo físico.

Podia senti-lo, tocá-lo, mas era diferente, pois já havia tropeçado algumas vezes e se não achava que estava sentindo dor, ela simplesmente não sentia.

Estava extasiada com toda a novidade mas sabia que devia aceitar aquela tarefa. Mesmo não entendendo tudo que falavam ou que estava acontecendo, Bia confiava muito em Deus e nos espíritos mais antigos. Seu costume de orar ali naquele local, fazia todo sentido.

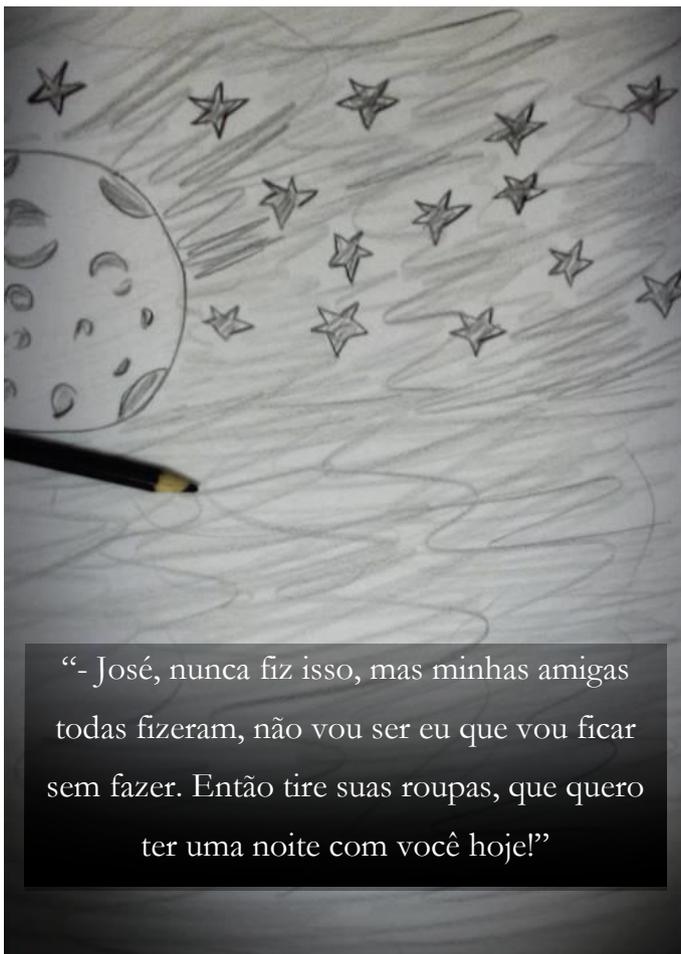
A impressão que tinha é que orando ela saciava sua sede, sua fome e seu sono. Quando ela orava e sentia o calor de uma energia poderosa, se sentia como uma grande antena, captando o que precisava para estar plena e integral.

Passou o resto do dia vendo as programações em vídeo da cidade da Santíssima. Tudo era parecido com a Terra, só que mais evoluído, limpo, bonito e sofisticado.

Como não havia aparelho de televisão, Bia via as programações de cunho moral e apresentações da cidade em uma tela projetada no meio da sala. Era uma projeção tridimensional das imagens gravadas, acionadas por um controle intuitivo que ficava na mesa.

Seu dia passou rapidamente.

Motivo da prova



“- José, nunca fiz isso, mas minhas amigas todas fizeram, não vou ser eu que vou ficar sem fazer. Então tire suas roupas, que quero ter uma noite com você hoje!”

Quando o dia terminou, Betinho entrou na casa de Bia com três amigos, duas meninas e um menino e nenhum deles aparentava ter mais de doze anos de idade.

- Bia, esta é Lua, este é Diogo e esta é Mariana. Vieram te conhecer, pois eles estão no trabalho comigo, depois que você voltou à Terra. - falou Betinho acelerado.

- Oi gente, prazer em conhecer.

- O prazer é nosso, disse Lua com um sorriso largo no rosto.

E durante quase uma hora, conversaram e riram.

Até que Bia, ao olhar o Betinho, se lembrou dele antes desta última vida física e percebeu sua forma física antes de reencarnar. Lembrou-se das conversas, dos planos, da amizade e em segundos, um raio de informações foi se descortinando.

Até que ela, estática, com olhar fixo, ficou imersa em suas lembranças. Parecia que os meninos estavam acostumados a isso, pois todos silenciaram e passaram a orar.

Mas, lá dentro de Bia, uma nova realidade lhe apontava a verdade sobre os fatos.

Beatriz em determinado momento da retrospectiva, se viu como uma mulher branca e adulta, com roupas do século dezenove. A casa

onde vivia era abastada e rica. Uma fazenda gigantesca lhe era percebida nesta visão. Tinham escravos, homens a cavalo, o tempo era quente, como os verões cariocas. Beatriz não era casada. Seu pai, que era muito duro ao falar com os escravos, apesar da aparência completamente diferente, ela reconheceu ser o Xande. Seu irmão na última vida na Terra foi seu pai em outra. Viu quem era sua mãe e, da mesma forma, com uma aparência física diferente reconheceu, sem ao menos saber como, que se tratava da tia Vera. Sua vizinha no morro, fora sua mãe em outra vida.

Dentro da casa grande, observando a cozinha, percebeu três escravos: a cozinheira, que ela tratava sem muita importância, o filho da cozinheira e o esposo dela. Eram jovens.

Ela lembrou que a cozinheira naquela vida, foi sua mãe nesta. Que o filho da cozinheira, foi seu irmão mais novo nesta. E que o marido da

cozinheira, reencarnou como seu pai na última vida.

Beatriz não sofria ao lembrar, apenas estava um pouco tonta. Até que, para finalizar as abruptas lembranças, ela seu viu à noite no seu quarto, sozinha, quando entrou o marido da cozinheira. Ela tinha combinado com ele e falou:

- José, nunca fiz isso, mas minhas amigas todas fizeram, não vou ser eu que vou ficar sem fazer. Então tire suas roupas, que quero ter uma noite com você hoje!

O tom era imaturo, desprovido de qualquer experiência sobre o assunto. José, o esposo da cozinheira, atendeu seu pedido dizendo:

- Sinhá, farei seu desejo!

Mas a jovem filha de um senhor de engenho se arrependeu e pediu para ele parar antes que se

consumasse. Mas ele achou que ela estava brincando e continuou. Foi quando ela começou a gritar.

Logo após chegou seu pai e matou o José.

E a moça nunca mais conseguiu viver em paz depois disso, até que decidiu entregar a vida para trabalhos de caridade, dedicando sua vida para a igreja e sua futura família.

Neste momento, um questionamento lhe chegou na mente. Parecia que alguém conduziu a dúvida:

- E apenas por isso, ela precisou sofrer a prova como filha de Euclides?

A pergunta que ecoou em sua mente ativou novas lembranças. E Beatriz se viu homem em outras vidas, agindo como um perfeito troglodita, passando a mão nas mulheres, pegando a força algumas.

Inclusive, o Euclides era uma moça em uma de suas vidas que a Beatriz, com forma de homem na mesma encarnação, estuprou várias vezes, apenas por ser bela e para saciar seus instintos.

Beatriz voltou do transe espontâneo, sem perceber que havia chorado muito. Acordou nos braços de Lua. As crianças começaram a cantar uma música feliz que aprenderam no mundo espiritual e Bia foi voltando a seu estado normal.

Quando Bia estava recuperada, Betinho falou:

- Minha amiga, depois da última vida em que vocês se encontraram, você decidiu ajudá-lo. Mas todas às vezes, como preso numa mono-ideia, ele sempre lhe via como uma amante. Apesar da prova difícil de vir como a filha do José, você aceitou, pois os sofrimentos que ele passou no mundo espiritual não foram poucos, pois ele se achava injustiçado por saber que você o convidou naquela época. A culpa e a raiva o dominaram por

muito tempo. Achamos que você, nascendo como sua filha, ele iria modificar seus sentimentos e este sofrimento iria acabar. Mas ele escolheu agir de forma horrenda, a seguir seu caminho paterno.

Bia, estas vidas que você lembrou não foram as primeiras que vocês viveram juntos. Mas sua consciência vai se abrindo aos poucos. No futuro você saberá que fez muito mal a ele e quando saía do corpo em espírito, lúcida, pediu para continuar, pois queria ajudá-lo.

Interrompendo o raciocínio de Betinho, Bia falou:

- E ele? Como está agora?

- Pela primeira vez, depois de muitas encarnações, ele foi resgatado. Não sabemos por quanto tempo queira ser ajudado pelos bons espíritos.

- Mas ele me fez mal. Como foi ajudado?

- Deus não é injusto, querida. Quanto mais vidas você se lembrar, mais entenderá que nada é por acaso. E ele, pela primeira vez, se sentiu mais culpado que com raiva. E pediu ajuda antes de desencarnar pelas mãos do seu filho.

- E onde ele está?

- Não temos autorização para dizer ainda. Apenas ore por ele.

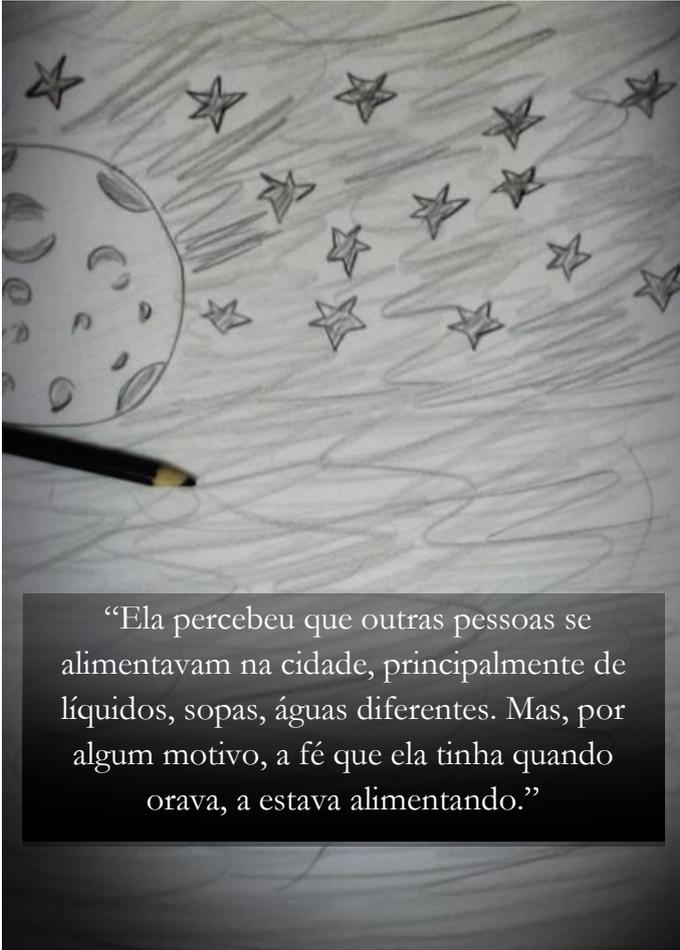
- E minha mãe e irmãos, como estão?

- Sendo amparados pelo amor de Jesus e o carinho da professora Fátima. Todos serão ajudados no seu tempo devido. Todos têm uma segunda chance, Bia.

Apesar das lembranças dolorosas, Bia sentiu alívio. Sabia que seria protegida naquele lugar e que, mesmo sem entender de tudo, das consequências, das provas e escolhas, ela podia

sentir confiança naqueles seres e, sob o efeito da fé, ousou seguir sem medo para ajudar outras pessoas, a fim de naturalmente continuar tendo a ajuda do Criador.

*Aprendendo a
voitar*



“Ela percebeu que outras pessoas se alimentavam na cidade, principalmente de líquidos, sopas, águas diferentes. Mas, por algum motivo, a fé que ela tinha quando orava, a estava alimentando.”

Depois da conversa com os novos amigos, Bia ficou intrigada com o fato de alguns deles poderem se deslocar sem precisar andar e muitos outros até voarem. E Bia perguntou se eles poderiam ensinar ela a voar ou voitar como chamavam na cidade.

- Claro Bia, vamos nessa! - falando quase gritando o Diogo.

- Oba! - falou Bia, ansiosa pela oportunidade.

Diogo, que tinha a aparência de um menino gordinho, com seus dez anos de idade, tinha muita experiência em voo. Era um dos mais antigos a voar no grupo, por isso que se sentiu à vontade para liderar esta aula para a Beatriz. Enquanto Diogo ensinava, as outras meninas e Betinho ficaram olhando, divertindo-se com a situação também.

- Bia, nosso corpo espiritual não sofre a força da gravidade. Você anda porque pensa que é imprescindível andar para se deslocar. Mas quando entender que aqui o que importa é o pensamento, entenderá que não precisa andar. - ensinou Diogo.

- Certo, mas penso em que para voar? - perguntou Bia.

- Antes de tudo, aprenderemos a sair do chão. Se imagine leve, Bia. Pense que está tão leve que seu corpo flutua.

E Bia pensou. Mas nada de sair do chão. E tentou, tentou outra vez.

- Não consigo, Diogo!

- Bia, você é o que você pensa. Ore com fervor e pense em algo que você gosta muito.

E Beatriz orou com fé, pensou nas conversas com a tia Vera sobre Jesus, sobre os bons espíritos.

- Não consigo, Diogo! - falou Bia.

- Olhe para baixo, Bia. - disse Diogo sorrateiro.

Quando Beatriz percebeu que estava um pouco acima do chão, deu um grito e caiu. Todos riram gostosamente.

- Percebeu, Bia? Você é o que você pensa! - falou Diogo, feliz por ela ter conseguido o primeiro passo. E continuou ensinando:

- Agora, você precisa treinar muito este deslocamento inicial. Depois, precisa pensar que está se movendo e treinar bastante.

Naquele dia, um expectador da Terra, acharia que estava no céu e anjos que pareciam crianças voavam sob a luz do Criador.

Aquelas crianças riam, brincavam, todos estavam felizes com o aprendizado do outro. Não havia ciúmes ali, apenas a vontade de ensinar e aprender.

Como era uma novidade, Bia não queria saber de outra coisa. Agora era tentar voitar. Não parava.

Ela percebeu que outras pessoas se alimentavam na cidade, principalmente de líquidos, sopas, águas diferentes. Mas, por algum motivo, a fé que ela tinha quando orava, a estava alimentando. Quase não precisava dormir. Ela soube que o Betinho não dormia e nem o Diogo, já a Lua e a Mariana dormiam pouco.

Todas as crianças cansaram da aula de volitação e saíram para outros afazeres, mas Bia ficou no jardim na frente da sua casa treinando e rindo sozinha.

A Vera havia despertado, estava melhor. Foi inclusive visitada por enfermeiros da cidade e no vai e vem dos enfermeiros e das conversas com a Vera, apenas ouvia-se o comentário: “Esta menina não cansa não? Está há horas voando no jardim.”

Até que Vera gritou dentro da casa:

- Oh Bia! Vem conversar um pouco comigo...

- Já vou, tia. - falou Bia rindo. E passou mais algumas horas voando.

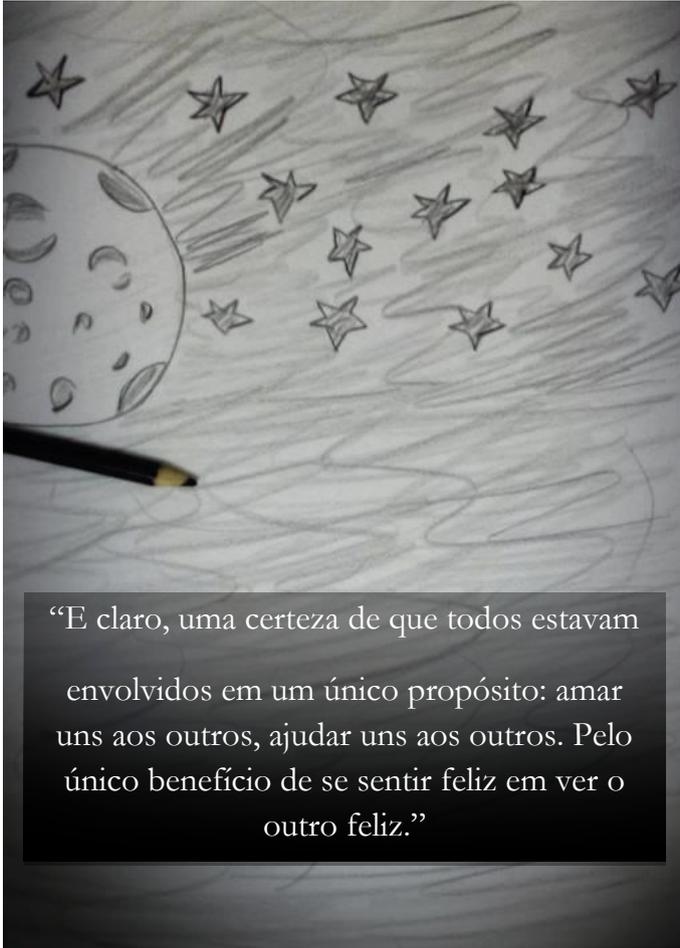
Criança é criança em qualquer plano da vida! E quanto mais se expande a consciência, mais se percebe que a criança interior é a base para toda boa observação da criação de Deus e das relações entre os seres da criação.

Quando Beatriz entrou, deu um beijo carinhoso na Vera e conversaram. Até que Bia deitou no colo da sua mãe espiritual e dormiu. Não por necessidade de repor energias, mas por se sentir profundamente protegida e feliz, entregou-se a um sono no colo de Vera, que mais parecia um êxtase, um transe, povoado de uma perspectiva nova. Daquele dia em diante, Bia nunca mais seria a mesma.

Afagada pelas mãos carinhosas de Vera e ao som da oração que eu fazia e era transmitida pelas televisões nas casas da cidade, todos os dias, Bia quase sonhou com manobras radicais que poderia fazer voando naquele lugar!

E finalmente concluiu: **Estou no céu!**

O primeiro
trabalho de
resgate



“E claro, uma certeza de que todos estavam envolvidos em um único propósito: amar uns aos outros, ajudar uns aos outros. Pelo único benefício de se sentir feliz em ver o outro feliz.”

Semanas se passaram. Os dias foram cada vez mais completos com as atividades na cidade da Santíssima.

Beatriz passou a conhecer mais moradores da cidade. E entre as conversas, os estudos e as intermináveis horas de volitação, eis que uma grande oportunidade aparece:

- Bia, a Fátima quer falar com você! - foi falando rápido Betinho para Beatriz, assim que veio lhe visitar naquele dia.

- Sim, claro! E onde podemos encontrá-la? - falou Beatriz.

O que responde Betinho de forma breve:

- No prédio principal da cidade.

- É lá que ela mora?

- Na realidade é de lá que ela organiza os trabalhos com os demais anciões da cidade.

- Anciões?

- Eu e as outras crianças da cidade chamamos assim. Eles não gostam de ser chamados de governadores ou presidentes, apenas são mais evoluídos. Muitos não reencarnam há mais de 400 anos e por isso podem liderar os grupos da cidade. Fátima, no momento, é a mais antiga da cidade, junto com Antônio e Pedro, irmãos também muito antigos.

- Ela é a prefeita da cidade? - perguntou Bia curiosa.

- Não, né? É como se fosse, mas não é. Ela sempre diz que é uma professora, instrutora.

- Mas ela é tão jovem.

- Bia, aquela é uma forma que ela adotou, de uma de suas vidas na Terra, em Alexandria, depois do retorno de Jesus.

- Caraca, é velha mesmo!

Betinho riu e falou:

- Dizem que ela pode ver a gente, quando a gente pensa nela. Cuidado para ela não te surpreender.

- Caraca, fiquei com medo agora!

Os dois riram.

No caminho, encontraram a Lua, o Diogo e a Mariana, pois a reunião era com os cinco.

Esperaram por alguns minutos, até que uma irmã, que aparentava uns cinquenta anos de idade, saísse. Ela buscava uma ajuda de Fátima, pois ela havia desencarnado e queria dar notícias para seus familiares na Terra.

Ao entrarem na sala, falei:

- Bom dia meninos, como estão?

- Bem, tia. A senhora está linda! - falou Diogo de forma marota.

Lua e Mariana vieram me abraçar, enquanto Betinho ficava sério na minha frente.

- Beatriz, minha querida. Como está se adaptando depois de seu retorno? - perguntei.

- Estou ótima, tia.

- Soube que está treinando a volitação.

- Aí, tia Fátima, estou arrasando!

- Ai meu Deus, começou! - interrompeu Betinho, enquanto os demais riam.

- Que bom querida, estamos muito felizes por você. - falei observando-a e continuei:

- Tenho uma proposta para você.

- Caraca, que maneiro! É o que? - perguntou objetivamente Beatriz.

- Bem, recebi um pedido em oração de uma família desesperada. Sua filha, de apenas cinco anos de idade, desencarnou subitamente em casa fazem algumas semanas e eles buscam notícias dela. Mas nós damos apenas as boas notícias e no momento não posso dar, pois a criança está presa na casa dos pais. Precisamos ajudar esta criança e

preparar a família para dar a notícia. Gostaria de participar deste resgate?

- Poxa, que responsabilidade! É claro que quero.

- Então Beatriz, gostaria que ficasse do lado de um tio que será o líder da missão. Ele se chama Aluízio Fonseca. Faça apenas o que ele pedir e se não suportar a realidade na Terra, peça a ele para voltar. Tudo bem?

- Combinado. - arrematou Beatriz empolgada.

- Dona Fátima, nem precisava do Seu Aluízio. Eu mesmo poderia cuidar dela. - falou Betinho sério.

- Eu sei disso, querido. Mas vamos dar uma chance ao Aluízio. - falei para despistar o Betinho da seriedade do caso e aliviar a tensão da conversa.

E, depois de dar algumas explicações, falei:

- Meus amores, esta é uma missão que parece ser simples mas não é. Preciso que se preparem, sejam humildes e estejam focados no resgate. Não julguem os encarnados, apenas cumpram o que têm que cumprir. Tudo bem?

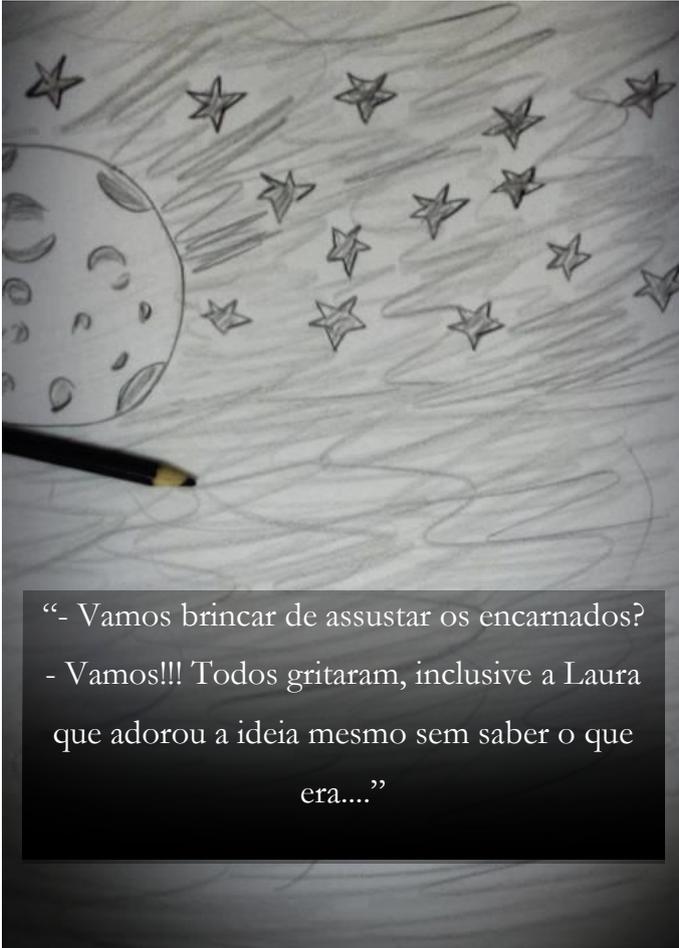
Todos concordaram e saíram da sala.

Estava feliz. Observar Beatriz se restabelecendo tão rápido me fazia ratificar o aprendizado sobre a caridade e as leis de amor espiritual.

O respeito mútuo, o desejo sincero de ver o outro bem, a vontade de ser melhor em moral, a própria observação dos espíritos mais antigos ajudando os outros de forma simples e humilde, facultava nos recém-chegados da Terra uma explosão de verdade, um estímulo à fé. E claro, uma certeza de que todos estavam envolvidos em um único propósito: amar uns aos outros, ajudar uns aos outros. Pelo único benefício de se sentir feliz em ver o outro feliz.

Busquei cumprir meus compromissos, para estar pronta para a tarefa mais tarde.

*O caso da
menina Laura*



“- Vamos brincar de assustar os encarnados?
- Vamos!!! Todos gritaram, inclusive a Laura
que adorou a ideia mesmo sem saber o que
era....”

Enquanto a noite abraçava a visão dos encarnados e era percebida na Terra, inspirando os beijos de amor, encobrando os crimes furtivos, abençoando o sono dos justos e evidenciando também as luzes dos fogos de artifícios das festas joviais, na cidade da Santíssima a noite não era tão evidente. As noites aqui parecem dias.

Neste momento estávamos eu e Aluízio Fonseca, - um devotado trabalhador espiritual que estava

sempre presente em nossas atividades e junto também ao médium, o qual assumi a responsabilidade de instruir enquanto encarnado.

Viveu como espírita e passou a estudar, entre outros assuntos, a correlação entre os assuntos estudados na doutrina codificada por Allan Kardec e o que realmente existia e ocorria no mundo espiritual.

Além do Aluízio, os cinco amigos que se apresentavam espiritualmente como crianças estavam lá, esperando a hora.

E quando percebi que já podíamos ir na casa da mãe de Laura, que nos pediu ajuda, iniciei a oração:

- “Querido Mestre, querido Senhor, obrigada pela oportunidade de ajudar e servir. Que estas pessoas que me pedem ajuda, sejam abençoadas por ti e obtenham um pouco de paz e que nós, espíritos

desencarnados, saibamos aproveitar esta oportunidade do trabalho para crescermos ainda mais espiritualmente. Vinde a nós Senhor e nos acompanha nesta tarefa.”

Percebendo que todos estavam concentrados e que precisava preparar a Bia, falei:

- Queridos tarefeiros do Bem, por favor, elevem o pensamento. Em instantes estaremos na casa onde vamos servir a Deus.

Sem que as crianças soubessem, mentalmente pedi para o Aluízio Fonseca pensar na casa que iríamos e pela força do pensamento, estávamos já numa casa muito confortável em uma cidade do Paraná, no Brasil.

- Crianças, abram os olhos devagar e fiquem com o pensamento elevado.

Assim que chegamos, percebemos que a mãe da criança estava na sala, sozinha, pedindo ajuda à Deus. O marido estava vendo televisão no quarto. Não tinham mais filhos. Apenas tiveram a menina Laura, que desencarnou com um mal súbito, repentinamente.

Pedi para Aluízio limpar espiritualmente o esposo da senhora que nos pedia ajuda. Já às crianças, pedi para entrarem na cozinha. Enquanto eu fiquei do lado desta senhora, conversando com ela, inspirando-a.

Ao entrar no quarto, Aluízio Fonseca percebeu os espíritos ruins que estavam do lado do pai da Laura. Ele pensava muitas coisas negativas. Estava atraindo aqueles espíritos fazia tempo. E com a cabeça presa nas dificuldades terrenas e na morte da filha, o quadro se agravava.

Durante décadas, aquele senhor não aceitava as inspirações de seu anjo da guarda. Por isso, seu

próprio guia espiritual foi obrigado a se afastar e tentar ajudar pessoas que realmente queriam ser ajudadas.

Mas, para realizar nossa tarefa de forma plena, seria imprescindível minimizar as causas espirituais em todos naquele recinto.

E em prece, Aluizio conseguiu iluminar o ambiente e afastar temporariamente os espíritos que se ligavam àquele encarnado por suas próprias afinidades psíquicas.

Antes de entrarem na cozinha, Betinho, já ciente do que os esperava, começou a cantar uma música divertida e alegre. Até que...

- Ai! - gritou de susto uma criança loira que estava chorando no chão da cozinha.

- Oi Laura! - foi falando uma por uma das crianças desencarnadas, menos a Bia que estava um pouco assustada com a situação.

- Quem são vocês? - perguntou Laura.

- Oi, eu sou Betinho. Estes são Lua, Mariana, Diogo e Bia.

- O que vocês estão fazendo aqui?

- Então, a gente tem algo para te contar... - disse Betinho, enquanto as crianças tentavam disfarçar a situação.

- Você não percebeu nada de diferente estas semanas não? - perguntou Betinho.

E já quase sem lágrimas respondeu Laura:

- Está tudo estranho. Minha mãe não me vê, nem meu pai e não consegui sair de casa. Acredita que já vi até coisas que pareciam alma de gente morta?

- Jura? - brincou Betinho, enquanto os demais riam.

- Juro. Algo está bem estranho, não sei o que fazer...

- Então, tenho algo para te contar. - disse Betinho.

- O que?

- Você morreu. Quer dizer, seu corpo morreu.

Apesar da notícia, a menina não parecia sofrer com aquilo. Parecia até aliviada. Fazia algum sentido. Talvez o fato de ser criança e não estar presa à ilusão de realidade causada na vida da Terra, a desprendia por completo de qualquer contexto do meio e pelo próprio fato de estar desencarnada, sua mente captava as coisas com maior facilidade.

- Morri? Mas é só isso? - disse Laura.

- Na verdade, é só um começo. Estamos aqui para te ajudar. Se você quiser, é claro!

Ao contrário do que muitos estudiosos de assuntos espirituais na Terra cogitam, o desenlace tem impactos profundos na consciência do espírito eterno. Crianças, principalmente, tendem a recuperar a lógica dos fatos muito mais rápido que espíritos que reencarnaram e ficaram presos às suas ilusórias realidades na Terra.

- Podemos orar com você, Laura?

Confortada com a energia delas, ela aceitou a prece e as crianças se deram as mãos.

Fervorosamente, Betinho pediu a Jesus para que a Laura entendesse e quisesse ser ajudada. No final, oraram juntos a oração da Ave Maria.

Todos estavam emocionados.

O Diogo quebrando o clima, perguntou:

- Vamos brincar de assustar os encarnados?

- Vamos!!! - todos gritaram, inclusive a Laura que adorou a ideia mesmo sem saber o que era...

E sob o comando do Betinho foram gritar na casa do vizinho, a fim de que algum deles ouvissem e se assustassem.

Não precisa dizer, que aquele espírito que passou semanas presa à sua casa e sofrendo, só queria correr e se divertir.

A mãe, sem saber, estava mantendo a filha desencarnada presa na casa.

As lágrimas não prejudicam os desencarnados. Mas a mãe da Laura pensava com muita força para que a filha ficasse ao lado dela. E pela lei de afinidade que tinha, a Laura, sem entender porquê, continuava de fato na casa e recebendo todas as energias provindas da mãe.

Por isso, quando a mãe de Laura pediu ajuda, sabíamos que a única forma de ajudá-la seria ajudando a filha, o esposo e limpando as energias ruins da casa.

Depois de algumas horas brincando e sem sucesso de assustar alguém, as crianças chegam à sala, onde a mãe mais calma quase adormecia.

- Laura, esta é a tia Fátima. - falou Betinho.

- Oi meu amor, venha me abraçar querida. Falei para ela, o que ela aquiesceu com muito carinho.

E este é seu Aluízio. - falou Betinho.

O que a Laura fez bico e cara feia. Seu Aluízio não sabia, mas Betinho falou para Laura que ele era um ser mau e quando estava vivo nunca deu sorvete para seus filhos. Claro que era mentira... Mas, por mais estranho que pareça, o

comportamento dela mostrava que Betinho havia conseguido a confiança dela.

- Laura, você virá conosco? - falei.

- Sim tia, mas posso vir ver minha mãe quando quiser? - perguntou Laura.

- Caso não possa visitar, poderá vê-la quando quiser, pela televisão. E quando você estiver pronta, com certeza, poderá vir visitá-la sozinha, tudo bem?

- Tudo. Gostei de ser fantasma... - falou Laura, causando riso em todas as crianças.

Aluízio Fonseca orando, transportou todos para a cidade da Santíssima. Mas eu continuei lá, pois, após a saída de Laura a mãe piorou. Ela estava mantendo a filha desencarnada ali e sem saber, com seu jeito dominador, sentia a filha distante

após ela sair com Aluizio e as crianças e passou a se desesperar.

Precisei continuar com aquela senhora naquela noite. O esposo dormiu logo. A retirada das energias ruins do ambiente fez com que o pai da Laura caísse em sono profundo e reparador.

Sob a permissão de Deus, um espírito amigo ficou na casa durante a semana para ajudar o casal. Como ela era católica, pedi para que este espírito a inspirasse a voltar para a igreja e conversar com o padre, a fim de desabafar e ter forças para continuar.

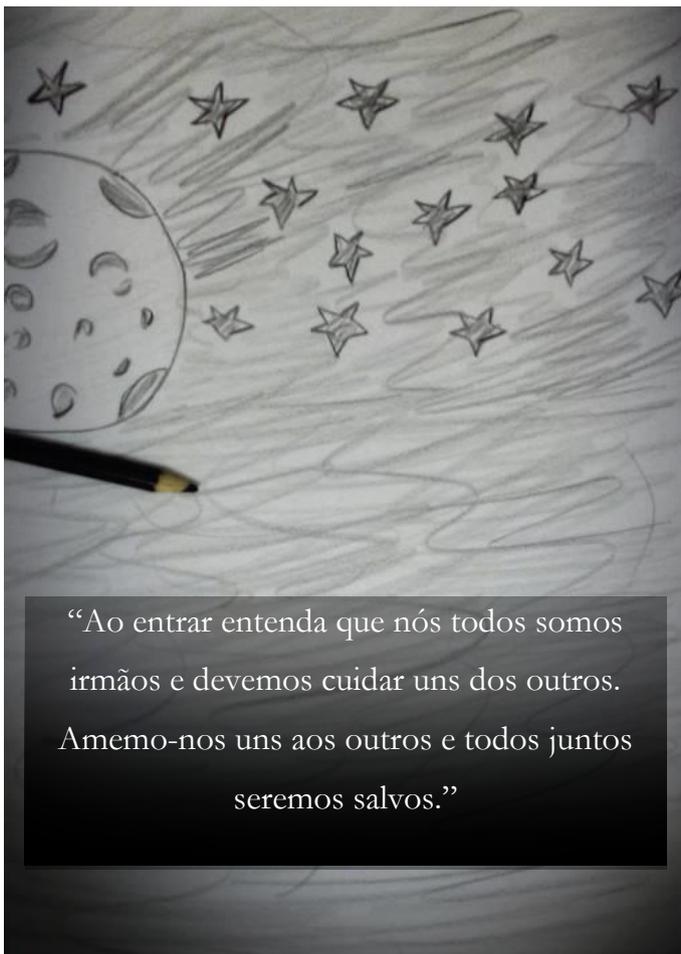
Ao voltar para a casa da Santíssima, agradei muito a Deus pois, com o poder da oração da mãe, conseguimos ajudar a todos e quem sabe no próximo ano ela não receberia a carta de sua filha?

Nós, espíritos compromissados com a consciência divina, não podemos trazer notícias ruins para

alguém que já sofre demais. E estava feliz pois, quando a Laura pudesse escrever, lá estaria não uma ideia da filha ou alguém escrevendo pela filha. Seria a própria Laura ditando uma carta, rompendo as barreiras de planos vibratórios e de vida reais e ainda não estratificados pelos moradores da Terra.

Bia não falou muito depois disso naquele dia, mas sei que ela entendeu que aparecendo como uma criança ela poderia ajudar muitas outras crianças recém-desencarnadas. E estava pensando nesta responsabilidade.

*A ala dos
suicidas*



“Ao entrar entenda que nós todos somos irmãos e devemos cuidar uns dos outros. Amemo-nos uns aos outros e todos juntos seremos salvos.”

Dias após a primeira experiência de campo, Bia foi convidada pelo Betinho, com a devida autorização dos espíritos mais antigos, para visitar a ala dos suicidas.

Betinho, preocupado com o que Bia iria presenciar, falou:

- Bia, não são imagens fáceis de aceitar. Muitos deles ficaram presos à forma como desencarnaram. Por isso, vá com a mente aberta

pois trata-se apenas de uma forma espiritual. A essência divina e sublime está estagnada, esperando a hora de florescer novamente.

- Está bem, Betinho. Você acha que estou pronta para ver esta ala? - perguntou Bia.

- Sim, está. Mas você precisa manter o padrão vibratório elevado, sempre pensando em coisas boas.

- Tudo bem, vou me esforçar ao máximo.

Betinho e Bia saíram em direção ao prédio da cidade da Santíssima que era destinado à ajuda aos irmãos desencarnados que voltavam pelo suicídio.

No caminho, sem que percebesse, Bia já se movia com muita facilidade. Era leve, diáfana. Aos olhos humanos uma figura angelical. Volitava quando tinha vontade e já estava exercitando a comunicação telepática.

É importante que se diga que antes de sua última encarnação, Bia já havia aprendido a voitar e a se comunicar pelo pensamento. Ela estava, na realidade, se lembrando deste aprendizado.

Ao passar por vários jardins, sempre tinham seres conversando em profundo respeito sobre assuntos dos mais diversos, tais como: política, arquitetura, vida em outros orbes, religião.

E além destes jardins, havia uma região que se misturava entre árvores, animais e muita luz.

Em dúvida, Bia perguntou:

- Não há seguranças protegendo a cidade? Não há risco de sermos assaltados?

Rindo, Betinho respondeu:

- Não, pois estamos em um plano de vibração mais elevado. Os espíritos que perseguem e tentam fazer o mal não conseguem chegar até

aqui. Nós podemos descer até eles, mas eles não conseguem chegar até nós.

- Vibração elevada? - perguntou Bia.

- Sim. Caso eles nos vissem agora, o que não podem, seríamos luzes que aparecem e desaparecem, ou fochos de luz sem explicação. Como nosso corpo espiritual é moldável conforme nosso pensamento, quanto mais pensamos naturalmente no bem das pessoas e na nossa evolução, mais leves ficamos, mais rápidos ficam nossas ideias, às vezes até nos movimentamos mais rápido e nem percebemos. Já viu uma mosca? Ela é tão rápida que não conseguimos pegá-la. Talvez, ela veja os encarnados como gigantes lerdos, lentos demais.

- Nunca tinha pensado desta forma, Betinho.

- Alguns desencarnados que passam muito tempo sem visitar a Terra não conseguem se adaptar fácil,

seja pela lentidão do pensamento humano, seja pela forma arcaica de locomoção ou pela própria forma que o encarnado vive.

Para alguns desencarnados mais antigos, o homem se assemelha demais aos animais, que por sinal seguem com rotas parecidas, mesmo quando comparando a sua alimentação, onde precisam comer outros animais para sobreviver.

- Betinho, estou com uma dúvida.

- Pode perguntar, Bia.

- Se um encarnado me ver, como ele pode saber a forma que tenho?

- Para facilitar seu entendimento, existem duas formas de percepção visual espiritual nos encarnados:

Uma, a mais comum, é uma visão, de nós na mente deles. Muitas vezes provocadas por nós

mesmos ou de forma anímica. De qualquer forma, eles veem como uma imagem na mente.

E existe outra, que o médium pode ver com clareza e riqueza de detalhes. Mas para isso, a consciência do médium se expande além das percepções sensoriais e ele passa a ver os espíritos. Quando isso ocorre, muitas vezes, eles veem mais claro a nós do que os outros encarnados. E esta visão varia muito de acordo com a consciência e mediunidade de cada um. Mas, esta última é rara, apenas oito por cento dos médiuns ditos ostensivos são assim.

- Ainda estou com dúvida. Você falou de vibração elevada. O médium vai nos ver como luzes, rápidos ou no tempo deles?

- Boa pergunta, Bia. Depende da evolução do médium. Médiuns medíocres, viciados e com pensamentos ruins, absolutamente são incapazes de divisar espíritos de luz. Apenas o médium livre

de seus vícios, de seus pendores menos evoluídos podem divisar espíritos iluminados. Mas, neste caso, a consciência se altera e ele vê com a alma e parece estar no seu tempo, na velocidade que está acostumado.

- Que legal! Quanta coisa para aprender!

- É verdade. E será assim, indefinidamente.

Conversando, os dois nem perceberam que chegaram à frente do prédio destinado aos tratamentos dos encarnados que se suicidaram.

Na entrada havia um texto:

“Ao entrar entenda que nós todos somos irmãos e devemos cuidar uns dos outros. Amemo-nos uns aos outros e juntos seremos salvos.”

Contudo, ao abrir a porta, um mundo novo se descortinava...

Gritos, gemidos altos, acusações, eram ouvidos em todos os lugares. Centenas de espíritos trabalhadores da cidade da Santíssima se desdobravam para ajudar. Vestidos com calças brancas e camisas azuis, com formas de homens e mulheres, eles aplicavam passes, ajudavam nas feridas, anotavam a situação para dar notícias a seus familiares que moravam nesta cidade espiritual ou em outras.

Aquilo parecia para Bia um verdadeiro inferno. Com cenas horríveis de pessoas deitadas com facas na barriga, vísceras a mostra por causa da morte por ingestão de remédios, entre tantas outras formas de matar o próprio corpo.

Beatriz orou e se concentrou no que o Betinho havia lhe dito. E ficou em silêncio o tempo todo, apenas observando.

Após alguns passos, vem ao encontro dos dois um homem alto, calvo e muito sério, que falou:

- Sejam bem vindos, estávamos esperando por vocês!

- Obrigado, irmão Alexandre. Esta é Bia!

- Bem vinda, Bia. O Betinho deve ter lhe explicado antes de vir, não é? - falou Alexandre.

- Sim, falou sim. Estou elevando meu pensamento e lembrando só de coisas boas. - afirmou Beatriz.

Acenando com a cabeça e as mãos, Alexandre guia Betinho e Beatriz nos setores daquela ala gigantesca.

Mais na frente pararam em frente a uma mulher que se matou cortando os pulsos.

Ainda era possível ver o sangue cair de seus pulsos. A mulher estava bem agoniada. Gemia de desespero e medo. Pelo o que o Alexandre havia mostrado em uma pequena tela, que mais parecia um ipod na Terra, pudemos ver que ela havia

traído seu noivo na Terra. Sentiu-se muito culpada, o noivo espancou o rapaz que teve relações com sua noiva e ameaçou matar a mulher.

Na tela, ela parecia ter uns vinte e poucos anos de idade. Morena, bonita e muito vaidosa. Mas ali na nossa frente, a mulher parecia ter uns cinquenta anos. O tom da cor do seu corpo espiritual estava diferente. Os cabelos estavam desgrenhados, seus olhos fixos, sua boca estática e suas mãos estavam trêmulas.

Parecia cena de filme de terror. E ao pensar, o Alexandre falou:

- Sim, querida Beatriz. Os escritores de filmes de terror são na realidade médiuns. Estão falando de coisas que viram. É claro que alteram ou omitem a maior parte dos fatos, como a ajuda que recebem, o amor que disponibilizamos, que não julgamos escolha alguma e, principalmente, filmes assim, dão um poder a estes espíritos sofridos, que na

verdade não possuem. Apenas evidenciam o medo, que é energia baixa e pode aumentar os efeitos que estes espíritos podem causar.

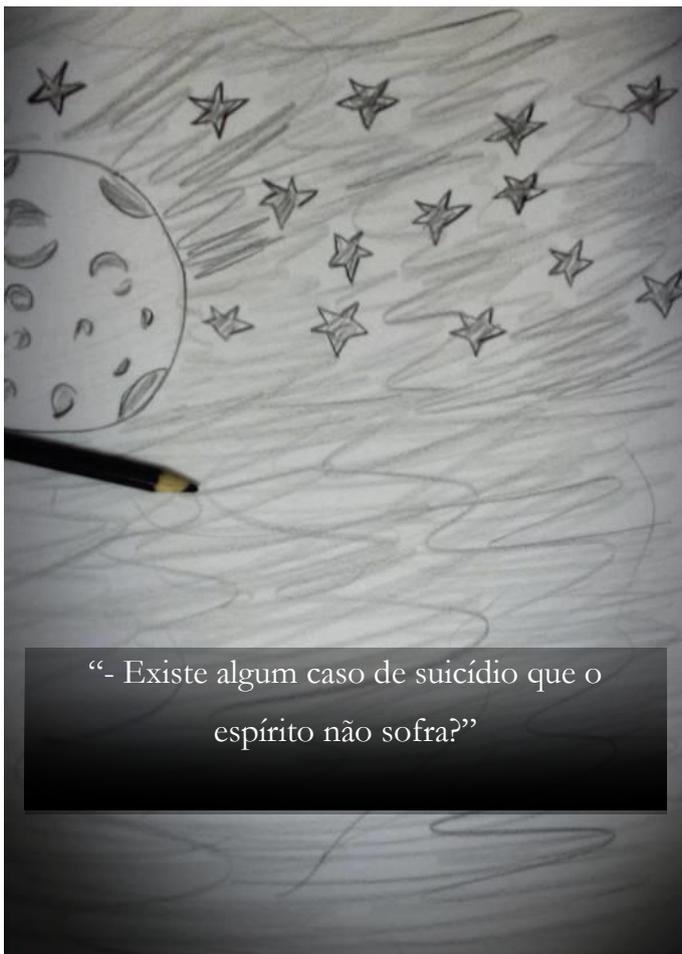
- O que vocês estão fazendo para ajudá-la? - perguntou Bia.

- Tirando as energias ruins que foram geradas a partir da escolha que ela fez, permitindo que ela fique aqui conosco o maior tempo possível, até que sua consciência aceite a responsabilidade perpetrada e queira uma forma de se redimir. Cuidamos do efeito para ajudá-la nesta dor terrível, mas buscamos atingir a causa, que está dentro dela.

Ainda pensativa, Beatriz olha ao redor. E desta vez, viu um verdadeiro céu que abria portas para pessoas em infernos pessoais para entenderem que só o céu existe de fato, sendo o inferno uma temporária percepção do espírito aturdido.

E, sem que esperasse, um grito de horror toma conta daquele setor...

O inferno
particular de
cada um



“- Existe algum caso de suicídio que o espírito não sofra?”

Deitada e gritando muito, uma jovem se retorcia de dor. A mente dela estava presa à sua última escolha e, por mais que tentassem, o espírito que apresentava fraturas expostas e sangue nas roupas, não conseguia se acalmar e lhe aplicaram um remédio por meio de energias que saíam das mãos e ela voltou a dormir.

Com voz segura, falou Alexandre para Bia e Betinho:

- Esta irmã chama-se Tatiana. Ela se jogou da sacada de seu prédio em zona nobre da cidade de

São Paulo. Nós lhe medicamos diariamente e quando passa o efeito, ela acorda com a força do seu sentimento de culpa e todos os sintomas experimentados por ela quando seu corpo chegou ao chão, ela passa a sentir novamente.

E como a mente é força motriz e criadora neste plano de vida, os ossos quebram novamente, a força do impacto é sentida e ela tampouco percebe que foi o corpo que morreu e ela continua viva.

Beatriz arriscou perguntar:

- Mas todos os espíritos são assim? Todos os que se suicidam sentem isso?

- Não, Beatriz. Cada caso traz suas causas e motivações. Alguns casos de suicídio são, na realidade, um ato coletivo entre espíritos perseguidores e o próprio encarnado. Mas preferiria conversar sobre isso em uma próxima

oportunidade, caso não se importe! - disse Alexandre.

- Não, tudo bem... mas ela vai ficar assim por quanto tempo? - retornou Bia a perguntar.

- Pelo tempo que sua consciência se culpar. Na última vida ela era católica e acreditava no céu, purgatório e inferno. Neste momento ela não sabe que está desencarnada. Conforme o tempo for passando, irá perceber que não está mais entre os encarnados e achará que está no inferno, pois apesar de toda esta assistência espiritual, as alucinações, as imagens da última escolha, aparecem o tempo todo em sua cabeça. Ela ainda não consegue ver que está sendo protegida, amada e cuidada. Pelo menos não por enquanto.

- E isso pode durar muito? O tempo dela?

- Sim. Anos, décadas humanas. Conheço casos que registram centenas de anos.

- Mas o que podemos fazer para mudar tudo isso?

- perguntou Bia preocupada, enquanto Betinho tentava ajudar outro paciente próximo.

- Orar. Quanto mais oração melhor. Se a família de Tatiana orasse, e se ela própria fosse acostumada a orar antes de desencarnar, os efeitos seriam consideravelmente diminuídos.

- Existe algum caso de suicídio que o espírito não sofra?

- Sim, existe. Aquele que a consciência não aponta o erro. Mesmo assim, livre temporariamente dos efeitos pela escolha de tirar a própria vida. Será inevitável voltar e vestir um novo corpo, com limitações, para valorizar a vida e em casos mais graves, para evitar que este espírito tente o suicídio novamente. Mas repito: nada é absoluto na criação. Tudo é relativo e depende de sua própria causa.

Mas existe algo neste setor que ocorre às dezoito horas e que ajuda muito todos estes espíritos sofridos...

- O que, Alexandre? -perguntou Bia curiosa.

- Se você ficar até esta hora, poderá ver.

E com uma vontade sincera de ajudar, Beatriz passou o dia limpando sujeiras que caíam das macas. O tempo passou rápido.

Até que às dezoito horas, todos pararam o que estavam fazendo e ficaram em posição de respeito para ouvirem algo. O som, que durante o dia reproduzia música melodiosa e calma, cedeu lugar para a voz segura, serena e tranquilizante de Fátima.

- Caraca, Betinho! É Fátima? - perguntou Bia.

- Sim, é.

- Que legal!

A voz de Fátima era ouvida em todo prédio. Talvez fosse ouvida por toda cidade. Bia ainda não sabia, era uma oração como todas as outras, mas ela sentiu que algo ia acontecer de diferente naquele local. O que realmente ocorreu.

Espíritos com formas espirituais de criança entraram voando no prédio. Eram diáfanos, quase transparentes e ao voarem, derramaram pétalas luminosas nos pacientes. Eram muitas crianças.

Elas não falavam, apenas entravam e saíam conforme Fátima orava com fervor.

Os pacientes respondiam bem ao toque daquelas pétalas. Em raras exceções, algumas das crianças tocavam na frente dos pacientes. Uma onda de amor e paz abraçou a todos.

Muitas das enfermeiras e médicas choravam ao ver a cena. Bia chorou também.

Depois de alguns minutos, as crianças sumiram e o ambiente voltou a tocar as músicas melodiosas e calmas. Para Beatriz, tudo aquilo parecia um sonho, um ar novo, uma atmosfera nova, que refazia e dava ânimo para os pacientes e trabalhadores daquele setor com tantos espíritos sofridos.

Betinho abraçou Bia e falou:

- Vamos Bia? Acho que deu nosso horário.

Bia foi se despedindo de todos, inclusive do irmão Alexandre.

E naquele dia, ela teve a certeza que Deus não desampara ninguém. Nós é que nos afastamos Dele. E que havia muitos infernos, mas eles eram

pessoais. E que eram mais ou menos sofridos, conforme a consciência de cada um.

Percebeu que ninguém julgava os pacientes e nenhum dos trabalhadores se sentia ocupando algum cargo importante. Tudo era feito por amor, pois um dia todos foram ajudados por outros espíritos mais antigos.

Diante do que Beatriz viu, impossível seria a oportunidade de perder a coragem para fazer o bem ao maior número de pessoas que ela tivesse a oportunidade de encontrar.

*Amigos
imaginários*



“O fato de não vermos, não quer dizer que seja tudo imaginário ou fictício.”

Cada experiência vivida por Beatriz no mundo espiritual, era absorvida de forma quase integral. Após os trabalhos ou visitas, Bia analisava o que tinha visto ou vivenciado. As conversas com os seus amigos, as lembranças espontâneas que vinham de suas vidas passadas, o bem praticado, os diálogos que escutava dos espíritos mais antigos, tudo isso ia ampliando suas percepções.

Betinho, sob a autorização dos espíritos superiores, levou Beatriz para experimentar algo

diferente na Terra. Desta vez, como era algo que não exigia complexidade, foram apenas Betinho e Beatriz, visitar um menino de quatro anos de idade e cuja família orava constantemente pedindo ajuda, pois achava que seu filho estava ficando doido porque ele falava com outro amigo, que tinha uma característica única: ninguém via, somente a criança.

Oraram e se transportaram para esta casa, que se localizava em João Pessoa, na Paraíba.

A criança se chamava Diógenes, e era carinhosamente apelidado de Di.

A mãe, quando chegaram, estava cozinhando e o pai estava trabalhando. Não existiam outras crianças na casa.

Di brincava na sala, quando a mãe gritou da cozinha:

- Meu filho, pare com isso! Você está me aperrinando! Fique louco não, pelo amor de Deus!

O pedido da mãe se referia ao fato de Di estar conversando com alguém e a mãe saber que não tinha ninguém na sala.

Mas para Beatriz e Betinho a realidade era outra, completamente diferente.

Do lado de Di, estava um espírito com forma de criança. Apresentava uns seis anos de idade, com cabelos encaracolados e loiros, o espírito parecia um anjo, sorridente e feliz.

O espírito perguntava e Di, que estava se adaptando ao novo corpo carnal e que duraria até próximo dos sete anos de idade, respondia, pois podia ouvi-lo e vê-lo claramente.

Di era um espírito antigo, que vinha com muitas funções importantes para exercer na Terra. Estava com dificuldade de adaptação no novo corpo e

apresentava o desejo de não continuar encarnado. E Leo, que era na realidade seu anjo da guarda, se apresentava como criança, para brincar e conversar até Di estar mais seguro e seguir sozinho enquanto desperto no corpo, sua jornada e missão.

Di não nos captou a presença, estávamos numa vibração mais elevada. Mas Leo nos viu e piscou com os olhos pra gente.

Bia perguntou para Betinho:

- Todos os casos de crianças que têm amigos imaginários são na realidade anjos da guarda conversando e brincando com seus tutelados?

- A maioria sim.

- Que legal!

- E ele vai continuar vendo depois dos sete anos?

- Di, não. A maioria esmagadora não. Voltam a ver quando estão se desprendendo do corpo físico, com a idade avançada e perto do desencarne voltam a ter estas percepções do nosso plano vibracional.

- Que legal, Betinho! Voltam a ser crianças...

- Boa comparação. Eu ainda compararia com os sentidos, antes de dormir e acordando, onde alguns têm visões ou escutam vozes, pois o espírito está mais desprendido do corpo físico.

- Que legal!

- Quando você cisma com uma frase ou palavra, só fala ela! Vai falar “que legal” quantas vezes?

- Só mais uma, que legal!

Os dois riram.

E antes que voltassem, após terem visto aquela cena, Leo nos fala:

- Vocês me ajudam a gerar questionamentos que podem ajudar a mãe de Diógenes?

- Claro! - responderam Betinho e Beatriz.

- Preciso que orem fervorosamente. Vou tentar manipular energia para mover o porta-retratos.

E Betinho e Bia oraram com fé e desejosos de ajudar verdadeiramente.

A mãe, sem paciência, sai da cozinha gritando:

- Já falei para você não brincar fingindo que tem gente aqui! E ao pegar no braço do filho, a fim de levá-lo para perto dela...o porta-retrato caiu, sem ter nenhum vento na casa.

- Ave Maria! - gritou a mãe assustada.

Mas a energia proporcionada pela oração, aliado ao conhecimento de manipulação de Leo, anjo da guarda da criança, não só fez o objeto sair de seu

local de origem, mas permitiu uma aparição rápida do espírito que brincava com seu filho.

Quando a mãe fez sinal da cruz, depois de falar “Ave Maria” assustada e abriu os olhos, viu rapidamente uma criança loira perto do retrato, sorrindo.

A senhora saiu correndo para o quarto com medo.

- Mãe, mãe! - falou Di. Não se assuste! É o Leo, meu amigo. Ele não faz mal, só o bem.

Por suas crenças religiosas, depois de um susto imenso, ela preferiu não brigar mais com o filho durante aquelas brincadeiras. Pediu a Deus nunca mais ver novamente e interpretou que era um anjo cuidando de seu filho.

Antes que Bia e Betinho se afastassem, Leo falou:

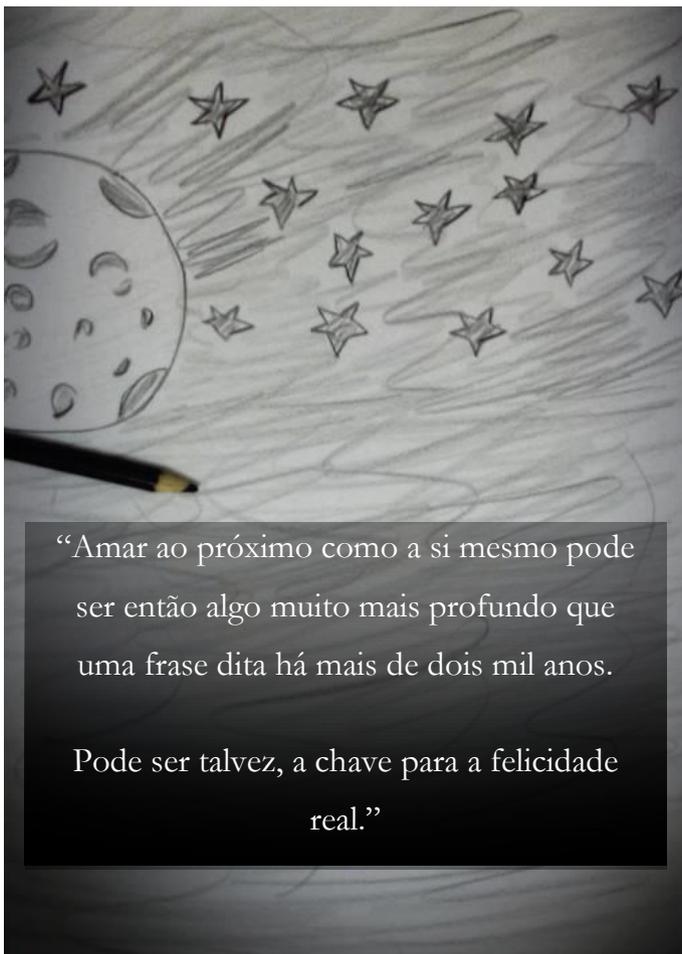
- O fato de não vermos, não quer dizer que seja tudo imaginário ou fictício.

Após aquele testemunho, essa frase ficou gravada na mente de Beatriz que passou a ter nova janela de observação sobre as histórias de amigos imaginários.

E claro, sentiu vontade de conversar com Joaquim, seu anjo de guarda, que às vezes vinha lhe visitar após seu desencarne. Ela sentiu muita vontade de vê-lo e saber mais sobre o sentimento que os unia no passado.

Mas esta conversa é longa e preferimos privilegiar a experiência que Beatriz teve revendo seus familiares desencarnados.

*Visitando a
família*



“Amar ao próximo como a si mesmo pode ser então algo muito mais profundo que uma frase dita há mais de dois mil anos.

Pode ser talvez, a chave para a felicidade real.”

O dia começou lindo. Uma música linda soava no ambiente, nas ruas da cidade da Santíssima.

É notória a percepção de Beatriz. Olhando pela janela de sua casa na cidade, ela via os seres indo e vindo. E ninguém fingia santidade. Era impossível mentir naquele lugar. Tudo era verdadeiro, seja nas palavras, no olhar, nos gestos, em tudo.

Ninguém interpretava santidade.

Todos os seres eram o que eram na sua mais profunda verdade. E isso fazia daquele lugar único.

Tia Vera viu a menina na janela e falou com carinho:

- Este lugar é lindo, não é minha filha?

- Sim, é lindo. E tão simples. - respondeu Bia carinhosa e com olhar fixo na rua.

- Meu anjo, hoje chegou um dia importante para você. Sei que está aprendendo muitas coisas. Já está ajudando, trabalhando, fazendo o bem. Está lendo e assistindo os programas instrutivos daqui. Mas hoje você terá que entender algumas coisas que ainda não lhe foram ditas.

- O que, tia Vera?

- O Aluízio vai vir mais tarde, para lhe levar onde está sua família. Acho que chegou a hora de saber

exatamente qual foi o destino deles depois do desencarne.

Apesar da consciência de Beatriz ter se expandido com o tempo na cidade, um leve frio na barriga lhe encontrou. Finalmente ela iria saber como estavam.

Como sentia a consciência tranquila e por ter perdoado os que lhe fizeram mal, Beatriz não sofria. Apenas experimentava a felicidade de saber que ela não fez mal a ninguém e que tinha amigos que lhe apoiavam e lhe ajudavam a ver sua vida, uma vida profunda e real, de forma mais ampla e abrangente.

- Você está bem, Bia? - perguntou Vera.

- Sim, estou. Vou orar e esperar seu Aluízio. Estou pronta para vê-los.

- Disse bem Beatriz, vê-los, pois nenhum deles ainda está pronto para lidar integralmente com a realidade atual.

Um breve silêncio se fez.

E cada uma foi se envolver com algo para que o tempo passasse mais rápido.

.....

No início da tarde, Aluízio Fonseca chegou na casa de Beatriz. E com seu sotaque mineiro gostoso, falou:

- Bia, pelo o que percebo, a Vera já lhe disse que viria.

- Sim Aluízio, falou.

- Está preparada?

- Sim, estou.

- Não vamos lhe poupar a verdade, mesmo que lhe choque. Então, esperamos que entenda que as situações de sofrimento que experimentam foi por escolha deles mesmos e que nós, neste momento, só podemos orar e esperar que desejem ardentemente por sua recuperação.

- Tudo bem, seu Aluízio.

E, sob um clima de ansiedade por parte da Beatriz, Aluizio pega na mão dela e ora:

- Senhor Jesus, conceda-nos uma percepção mais madura dos fatos e, ao mesmo tempo, um olhar mais amoroso sobre os nossos demais irmãos.

Obrigado por nos permitir observar nossos queridos irmãos, tanto para nosso crescimento espiritual, quanto para nos fortalecermos para ajudá-los, assim que a oportunidade nos ofereça condições.

A prece rápida e profunda trouxe uma onda de calor intenso e paz aos dois. Ao abrir os olhos, Beatriz se vê de mãos dadas voando sobre um lugar escuro, denso, com seres com olhar desfigurado e outros gritando e exercendo um poder exacerbado nos demais.

- Bia, não solte minha mão e deixe seu pensamento ligado à cidade da Santíssima. - falou Aluízio.

- Onde estamos? - perguntou Beatriz.

- Em um lugar no mundo espiritual que muitos atribuem ao umbral.

- Ubral?

- Zona intermediária, entre a Terra e as cidades espirituais. Muitos atribuem assim pois aceitam a associação da igreja católica de inferno, purgatório e céu. Mas, na realidade, é um lugar onde os afins se encontram. Permitem-se ao sofrimento mútuo.

- E ficam aí por quanto tempo?

- Até pedirem ajuda, até terem maturidade espiritual de serem ajudados e levados para ambientes espirituais mais evoluídos.

- Ué? Mas os suicidas não foram ajudados na cidade? E por que estes não?

- Porque aqueles espíritos que você viu, no setor de ajuda aos que escolheram matar o próprio corpo e estão em um estado que precisam de total atenção, talvez alguns quando melhorarem saiam da cidade ou fiquem, isso dependerá da escolha deles após se restabelecerem. Por enquanto, são como crianças, que merecem nosso amor e atenção incondicional.

- Por que estamos aqui, seu Aluízio?

- Olhe para baixo e veja aquele espírito de jaqueta preta. Mas apenas observe.

Ao olhar com maior cuidado, Bia percebeu que se tratava de seu irmão mais velho, o Alexandre.

- Meu Deus, é o Xande! Mas ele está diferente! - falou surpresa.

- Está sim. O corpo espiritual se adequa à realidade de sua mente e seu irmão usou sua liderança exercida no tráfico na Terra para manipular e oprimir espíritos que se culpam aqui neste lugar. Ele já sabe que está desencarnado, mas aprendeu rápido a manipular energia e mudar a forma de seu corpo perispiritual. Um dia vamos voltar, e quem sabe, você possa ajudá-lo. Mas por enquanto, só podemos observar.

O rapaz estava com músculos desproporcionais nos braços e nas costas e o rosto assumiu uma forma quase animalesca. Assim ela imprimia medo e respeito nos espíritos menos esclarecidos e temerosos da região.

E durante alguns minutos, Bia viu o irmão gritar e mandar enquanto carregava alguns espíritos como se fossem escravos. A cena a deixou bem triste, mas continuou em prece e com a mente na cidade da Santíssima.

Até que em um determinado momento, Bia percebeu seu outro irmão Gú correndo para falar com o Xande.

- Irmão, já consegui achar o fujão! - gritou o Gú.

- Parabéns irmão, agora ele volta para a tortura diária dele. - respondeu Xande, enquanto levava espíritos para um lugar que mais parecia uma caverna e os prendeu em correntes.

Acima deles e sem serem percebidos, pois estavam em uma vibração mais elevada, perguntava Bia para Aluizio:

- Quem são estes espíritos presos?

- Pessoas ardilosas da Terra. Muitos eram pais de família que fingiam ser o que não eram. Tinham amantes, prejudicavam pessoas mas eram vistas como boas na Terra. Mas ao chegarem aqui foram pegos por outra realidade. Ficam presos ao

sentimento de culpa e a impotência de saber como agir neste novo lugar, apenas aceitam o regime de escravidão, pois acham que não existe outra forma de resolverem as coisas.

- Mas eles podem sair dali?

- Sim, sempre! Basta orarem.

- E por que não fazem?

- Nunca fizeram. Não acreditam na sua eficácia. Apenas o tempo os levará a entender isso. Mas, de qualquer forma, não estão desamparados. Espíritos iluminados sempre vêm aqui e tentam convencê-los a pedir ajuda a Deus.

E, sem que esperasse, viu o seu irmão Gú trazer amarrado pelo pescoço um espírito desfigurado. Ao chegar mais próximo, ela identificou. Tratava-se de Euclides, seu pai na última vida.

- Meu Deus, é ele! - falou Bia.

- Sim, é seu pai.

Em silêncio, Bia acompanhava o que ocorria embaixo para entender o que estava acontecendo.

- Desgraçado! Fugiu por quê? Você sabe que não pode fugir de mim! - falou autoritariamente o Xande.

E sem falar nada, Euclides baixou a cabeça. Ele estava com as roupas rasgadas, com arranhões visíveis e a face toda machucada.

- Posso levar, irmão? - perguntou o Gú.

- Sim, pode. Leve-o para a cova dos estupradores.
- respondeu Xande.

Aluízio, percebendo que não podia ir naquele lugar com a Beatriz, apenas lhe explicou enquanto o Gú levava o espírito que tinha sido seu pai para aquele lugar:

- Bia, tudo o que fazemos volta impreterivelmente para nós, mais cedo ou mais tarde. Deus não é injusto, bem como também não condena ninguém.

Neste momento, o Gú está levando ele para a punição que seu irmão Xande o condenou, pois após saber que seu pai agia daquela forma, ele nunca o perdoou. Neste lugar que ele chama de cova dos estupradores, estão espíritos masculinos que achando justo a punição, estupram e realizam atos sexuais torpes nos que ali ficam.

Seu pai foi resgatado, mas não quis ficar na cidade espiritual que o acolheu. A culpa e a cólera lhe abraçaram por tempo indefinido.

Apesar do aparente choque que Bia teve com aquela informação, Aluízio concluiu:

- Seu pai ainda não entendeu a grande responsabilidade de seus atos. Não ora e não

pretende mudar interiormente. Deve ficar na cova por muito tempo, enquanto seu irmão Gú, em poucos meses deve pedir ajuda. Ele já mostra sinais de compaixão e arrependimento.

Já seu irmão Xande, não parece que deva melhorar nem tão cedo. Mas quando mostrar sinais de algum arrependimento, lhe pedirei para vir e conversar com ele.

- Eu virei sim, Aluízio. - falou Beatriz, enquanto uma lágrima descia desconcertada sobre a face da menina.

- Vamos Beatriz, precisamos ir a um lugar antes de voltar para a cidade da Santíssima. - falou Aluízio.

- Vamos! - disse Bia concentrada.

Ao orar, Aluízio conduziu os dois pelo pensamento para um hospital em uma cidade espiritual vizinha.

E neste hospital, deitada em uma maca dormindo, estava Alice, aquela que tinha sido sua mãe na Terra.

- Aluizio, na entrada dizia “Tratamento de suicidas”. Mas minha mãe não se matou, morremos todos na guerra do morro. - argumentou Beatriz.

- Bia, sua mãe se drogava. Ela é considerada uma suicida lenta. Não matou o corpo imediatamente, mas aos poucos, lentamente, com o uso contínuo das drogas.

- Poderei visitá-la?

- Sim, mas sem supervisão só daqui a algum tempo.

- Tudo bem!

Bia colocou as mãos na cabeça de Alice e orou, pedindo a Deus por ela. Talvez, apenas quem

sabe, naquela noite, o espírito de Alice sonhasse com algo bom e tivesse um pouco de paz em sua consciência aturdida.

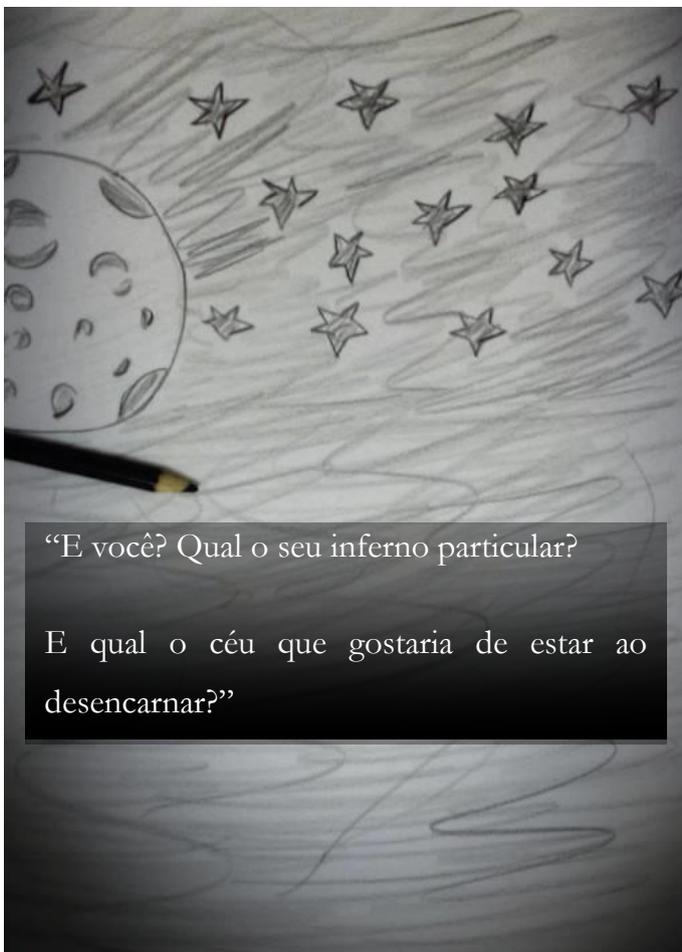
Depois de alguns minutos, Aluizio convidou Bia para voltar à cidade da Santíssima.

Era o momento de voltar ao seu céu conquistado.

Naquele momento, Beatriz entendeu a força de uma escolha, o quanto podemos sofrer e nos tornarmos escravos de nossa própria consciência.

Amar ao próximo como a si mesmo pode ser então algo muito mais profundo que uma frase dita há mais de dois mil anos. Pode ser talvez, a chave para a felicidade real.

*Refletindo sobre
a nova realidade*



“E você? Qual o seu inferno particular?

E qual o céu que gostaria de estar ao desencarnar?”

Quanto mais a percepção de tempo humano transcorria na cidade da Santíssima, mais Bia expandia sua consciência e abrangência sobre seu mundo interior e sobre as coisas que estavam ocorrendo naquela sua nova realidade.

A aparência do corpo espiritual era de uma criança de oito anos de idade, mas sua mente estava ultrapassando séculos de lembranças e certezas que jamais imaginaria ter um dia.

Passou a entender que Betinho e todos os seus amigos que se apresentavam como criança, na realidade eram espíritos antigos e que tinham plena consciência que vestiam uma aparência infantil, mas que estavam seguros de si, em plena busca de evolução espiritual.

Percebeu também que, assumindo aquela imagem para os recém-desencarnados, tinha como ajudar mais, pois impactava no inconsciente humano, na pureza atrelada à imagem de uma criança.

Entendeu perfeitamente seu vínculo espiritual com aquela que era sua vizinha, a tia Vera, e que pelas leis da afinidade e do amor, era sua mãe na eternidade. Ambas não sabiam por quanto tempo, mas se sentiam ligadas como filha e mãe.

Sentiu-se confiante para cuidar de seus parentes desencarnados e, com o tempo, passou a visitá-los mais, buscando meios de ajudá-los. Soube, inclusive, que espíritos superiores buscavam

ajudar em uma nova encarnação do seu pai, Euclides, em algumas décadas no futuro, onde ele nasceria com disfunções no órgão reprodutor e passaria a vida apenas usando este membro como excretor da urina. Seria uma vida de aprendizados e análises quanto à questão sexual. Precisando depois voltar muitas vezes, para avaliar sua relação com o poder, o orgulho, etc.

Quanto mais Bia entendia o que ocorria naquela realidade, mais ela divisava beleza nas coisas, nas plantas, árvores, animais, pessoas, casas, meios de locomoção em massa, entre tantas outras vistas por ela.

Beatriz assumiu um compromisso com sua felicidade, ajudando os mais sofridos na Terra e aprendendo a cada lágrima que enxugava.

Desde este dia, impossível seria ver Bia triste. Sempre estava feliz, alegre e sorridente. Não porque os problemas foram extintos, mas porque

ela sabia sua função neste gigante universo e se sentia completa em realizar a sua parte que Deus lhe confiava.

Hoje em dia, é muito comum alguns médiuns a perceberem nas reuniões de psicografia que dirijo. Tanto ela, como tantas outras crianças.

Lá, podem ajudar crianças recém-desencarnadas a escreverem, a estarem próximas de suas mães, pais e familiares, bem como, andarem de um lado para outro dando um pouco de amor a tantos corações saudosos e sofridos.

Antes de concluir este livro, pude perceber Beatriz volitando junto com outros espíritos na ala dos suicidas, distribuindo pétalas, flores e seu amor que só fazia crescer, tamanha a sua vontade de ajudar.

Talvez em algumas décadas ou séculos, ela volte à Terra ou outro orbe com a nossa mesma

frequência moral e torne-se uma linda moça ou um lindo rapaz.

Sei que muitos comentam que se algo foi criado um dia, um dia também este algo terá fim.

Mas cada vez que olho para trás, vejo os séculos cobrindo as lembranças que estavam guardadas nas memórias de noites sombrias e sois iluminados. E quanto mais olho para espíritos mais antigos, percebo que um céu de possibilidades se abre. São espíritos cada vez mais humildes, simples e sábios pela própria experiência dada por Deus.

Percebo estes mesmos seres diminuindo a marcha da ciência vigente para acompanhar sua própria condição moral.

Jesus sabia bem o que pensavam os seres mais iluminados da Terra e dizia coisas que as pessoas

não podiam entender naquela época e ainda hoje muitos só divisam a forma e não sua essência.

Jesus ensinou a amar incondicionalmente, a perdoar, a ajudar outros que sofrem mais do que nós. Ensinou a nos doarmos e sermos simples. Não nos preocuparmos tanto com o amanhã e não acumularmos as coisas materiais.

Vinde a mim as criancinhas, disse o Mestre!

Bia para mim, é a representação da luz que acende toda vez que um ser eterno deseja crescer moralmente. Parece que Jesus podia olhar para uma Beatriz, pois foram tantas. E tantas vão surgir para iluminar esta Terra repleta de egoísmo e orgulho.

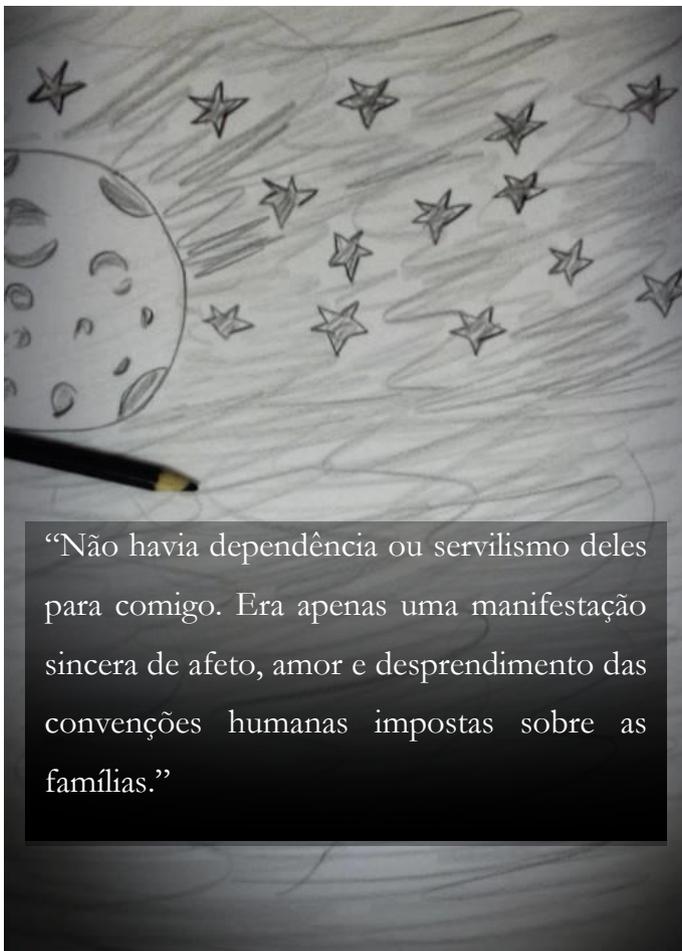
A dor deve ser entendida como mola propulsora para o crescimento moral e não como atraso em suas conquistas e alegrias ilusórias.

Ser feliz é imprescindível, mas sem realizarmos a caridade jamais entenderemos a profundidade do que significa ser feliz.

Bia só vive um céu porque desprende seu tempo para olhar o inferno particular de muitos. Assim ela observa seu próprio inferno e se melhora a cada ajuda prestada.

E você? Qual o seu inferno particular? E qual o céu que gostaria de estar ao desencarnar?

Até outro dia...



“Não havia dependência ou servilismo deles para comigo. Era apenas uma manifestação sincera de afeto, amor e desprendimento das convenções humanas impostas sobre as famílias.”

O tempo parecia correr...
Já haviam transcorrido meses após os eventos citados nos capítulos anteriores e o grupo de crianças espirituais, estava cada vez mais unido e forte. Além de Bia, estava a Lua, Mariana, Diogo e Betinho.

Betinho, por ser mais antigo, sempre encabeçava a figura de líder do grupo. O que gerava às vezes muitas risadas por parte dos demais integrantes.

Nesta altura trabalhavam muito, ajudando os encarnados em creches, abrigos, casas com crianças especiais, festas em instituições religiosas e, claro, eram muitas vezes os amigos ditos imaginários de muitas crianças na Terra, ajudando-as à adaptação no novo corpo carnal.

Os religiosos de origem africana os chamam de Erês. Os católicos ao sentirem as energias destes espíritos, acreditam serem anjos.

E assim foram trabalhando, ajudando e sorrindo.

Existe uma grande diferença entre espíritos zombeteiros e espíritos felizes. Os zombeteiros riem para zombar da credulidade das pessoas. Espíritos como Bia e seu grupo eram felizes e respeitavam a todos e tudo que realizavam.

As religiões com foco na imortalidade da alma, reencarnação e na possibilidade de interação entre esses mundos, ainda entenderão que a energia

produzida pela alegria e felicidade sincera produz meios para a cura espiritual e reconstruem a estrutura energética dos lugares.

Voltando de um abrigo de crianças na Terra, diz Betinho para Mariana, brincando:

- Mari, você quer namorar comigo?

- Oi?! - responde a menina surpresa.

- Quer ou não quer?

- Não.

- Por que não?

- Porque não gosto de criança!

Claro, isso foi motivo para uma gargalhada entre os amigos.

- Aí Mariana, você me despreza hoje mas amanhã você vai implorar para que eu namore com você! - afirmou Betinho, chateado.

Enquanto ela ria e os demais meninos riam também, uma onda de energias boas os envolvia, pois eram cúmplices na caridade e na ajuda ao próximo.

Como os trabalhos do dia foram encerrados, todos foram me visitar para pedir conselhos e falarem de suas experiências. A Lua, como era muito carinhosa, sempre fazia tranças nos meus cabelos quando vinha me visitar, enquanto a Bia pedia para deitar no meu colo.

Não havia dependência ou servilismo deles para comigo. Era apenas uma manifestação sincera de afeto, amor e desprendimento das convenções humanas impostas sobre as famílias.

Neste momento, perguntei:

- Bia, está feliz com seu trabalho?

- Muito!

- O que falta para se sentir mais feliz? - Voltei a perguntar.

- Aprender mais, ver outras pessoas felizes como eu estou.

- Pretende reencarnar, querida?

- Se Deus permitir, nem tão cedo. Estou adorando estar aqui.

- Acredito que Deus permita, minha filha. Aproveite, aprenda e ajude para na hora de voltar a vestir o corpo mais denso, possa estar preparada para escolher melhor.

- Fátima, o que de fato acontece? Temos um destino traçado ou somos fruto de nossas escolhas?

Antes de responder, percebi que todos pararam o que estavam fazendo para ouvirem minha resposta.

- Bia, tudo é consensual. Nada há obrigatoriedade no mundo primeiro ou no mundo espiritual. Alguns espíritos, por sofrerem muito, perdem depois de séculos de culpa, a condição primordial da possibilidade de escolher, seu senso lógico, seu discernimento sobre as coisas e fica, por assim dizer, em um estado espiritual vegetativo. E os programadores espirituais, espíritos evoluídos, disponibilizam nova jornada na Terra, a fim de voltarem à condição de donos de si, esquecendo temporariamente do passado. Mas nunca são desamparados. Sendo assim, algumas situações da vida, como doenças geneticamente previstas, os pais, etc, são para aquele espírito obras do destino. Mas, mesmo neste caso, os programadores espirituais só disponibilizaram possíveis experiências no futuro segundo suas escolhas do

passado. Olhando por este prisma, você é fruto de suas escolhas.

Bia, depende da janela de observação. O que prefiro pensar é que nossas escolhas nos escravizam ou nos libertam. E a caridade é uma bússola poderosa para achar o caminho que conduz à plena paz espiritual.

- Entendi! - disse Bia.

- Aí, fala sério! Muito cabeça este papo! - disse Betinho, com seu tom de falar característico.

Todos riram e voltamos a conversar.

Depois de algum tempo, Aluizio Fonseca aparece com tom de muita preocupação, pois uma senhora havia orado no grupo de encarnados que somos responsáveis na Terra. O seu filho foi diagnosticado com câncer e ela perdeu completamente as esperanças.

Bia, ouvindo a conversa falou:

- Fátima, eu sei quem é. É o Rodrigo. Eu o conheci em uma das visitas que fiz na Terra no grupo de estudos do tio Fernando.

Todas as crianças acenaram com a cabeça, afirmativamente e, sem que eu ou o Aluízio pedíssemos, fizeram uma oração. O ambiente se encheu de luz e paz, uma modificação extraordinária do ambiente se fez por causa da prece coletiva e as crianças desapareceram daquele recinto para reaparecerem na casa do menino que estava doente, o Rodrigo.

Orgulhosa pelo desprendimento que havia presenciado, fiquei observando-os naquela tarefa linda de socorro e cura espiritual.

Mas esta é uma história tão linda que merece ser contada com calma depois.

Desejo a todos uma vida física bem proveitosa, com muito estudo e muitas histórias lindas de amor e renúncia para contar.

Até mais querida leitora, querido leitor. Vou escrever com carinho o próximo livro. Enquanto isso, desejo um bom aproveitamento de seus dias na Terra, que são breves, sempre foram, a fim de construírem para si um céu cheio de amigos, saúde, trabalho e luz. Tão lindo quanto é o céu de Beatriz.

Um abraço carinhoso,

Fátima.

Nota da Editora.

O médium Fernando Ben é espírita. Após o surgimento de sua mediunidade aos dezesseis anos de idade, passou a estudar as obras de Allan Kardec, bem como frequentar e participar de reuniões sérias para a promoção da moral cristã e de trabalhos sociais.

Esta obra é universal. Foi editada para atingir as pessoas de mente aberta, que buscam informações novas sobre o mundo espiritual. Por isso mesmo, não se propõe a discutir fundamentos desta ou aquela religião. Qualquer um pode lê-la. E, claro, atribuir ligações com suas próprias crenças.

Sendo assim, os que buscam crescer em seus estudos sobre espiritualidade, sugerimos que leiam as obras que se destinam a este foco. No caso do Espiritismo, a codificação de Allan Kardec.

Agradecemos a todos os leitores desta obra, pois só ao comprá-la, disponibilizaram um meio de ajudarmos pessoas em situações extremas nas obras sociais que a atividade Cartas de Fátima atende, bem como, permitir que possamos investir em novos livros, que, como fazia Jesus, contava histórias, pescava homens e os transformava. E, pelo que entendemos, deixou Jesus aos homens depois disso, o seu esforço pessoal para seguir o caminho que quisesse, sem culpas, apenas sob a visão do amor.

E já que Jesus nos ensinou que o amor é a resposta, a pergunta ou o caminho torna-se irrelevante.

É comum entre os que conhecem o trabalho das cartas psicografadas, surgirem dúvidas de como se processa no mundo espiritual, esta tarefa linda de consolo por partes dos bons espíritos.

A Carta de Letícia traz em linhas claras e objetivas a história da moça Letícia que desencarnou e pode escrever sua primeira carta.



A proposta do espírito de Fátima, é elucidar sobre o assunto de maneira que estimule a consciência e crescimento de muitos enlutados, que normalmente perdem as forças para seguir.

Obra: A carta de Letícia

Páginas: 134

ISBN: 978-85-69054-00-9

Editado pela: Editora Hibisco

Médium: Fernando Bem | **Espírito:** Fátima

Simples de tudo vem com a proposta de falar sobre o período de incertezas que vive a humanidade.

Sobre a entrega às necessidades imediatas e exteriores, como sendo o único alimento para a felicidade na Terra.

Nesta obra, o espírito de Vicente de Angola, ensina-nos como atingir a felicidade através da simplicidade, das escolhas mais simples.

Tenha certeza que se absorver este livro com carinho e zelo, dificilmente será o mesmo após sua leitura.

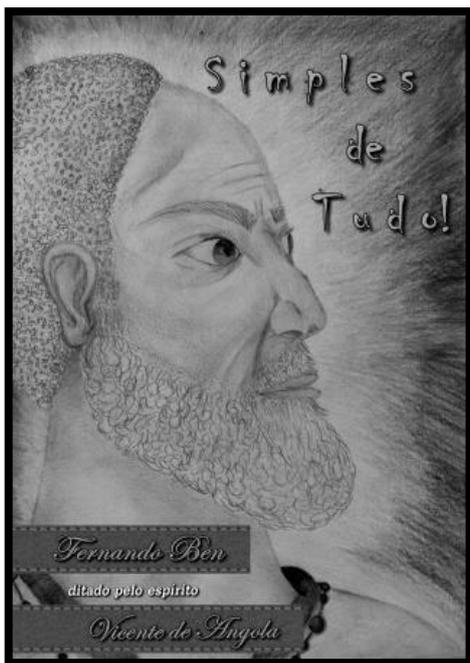
Obra: Simples de tudo!

Páginas: 151

ISBN: 978-85-69054-01-6

Editado pela: Editora Hibisco

Médium: Fernando Bem | **Espírito:** Vicente de Angola



Sobre os direitos autorais da obra

Fernando Ben disponibiliza os direitos autorais desta obra para a manutenção das atividades do projeto filantrópico, Cartas de Fátima. Tanto para as despesas do projeto, bem como, em obras assistenciais que Fátima julgue necessário investir.

Este livro foi publicado pela Editora Hibisco.

Rio de Janeiro – RJ

www.editorahibisco.com.br



Extra.

Carta psicografada de Beatriz, pelo médium Fernando Ben em uma reunião e recebida em sua casa no Rio de Janeiro no ano de 2015.

As lindas flores espirituais

Muitas coisas lindas vi aqui, após a morte do corpo físico, mas nada se compara com as flores que estão em meu jardim, sempre lindas, com cores vivas, diferentes e fascinantes. O cheiro delas parece que abraça você. Sem dúvida, serão as flores um bom motivo que me fará ter desejo de continuar o trabalho espiritual ao qual fui convidada a realizar, pois, se alguém sentir o que sinto ao vê-las, já terá passado seus momentos mais difíceis na sua luta interior e poderá estar em paz para sentir a energia destas flores. Sendo assim, desejo ajudar espíritos encarnados e

desencarnados, fazendo minha parte no todo, feliz, consciente e com ânimo.

E, um dia, alguma dessas crianças que ajudei ou outros espíritos que pude fazer alguma caridade, sentarão comigo aqui na cidade da Santíssima e poderão se extasiar olhando as flores espirituais daqui.

Não espero outra recompensa em fazer o bem, apenas me permitirem voltar e ficar pertinho de todas elas, minhas adoradas flores.

Beijo tio Fernando,

Beatriz